

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Pós-Graduação em Lingüística

SENDBRIEF VOM DOLMETSCHEN
de Martinho Lutero
— was dolmetschen fur kunst und erbeit sey —

Luciane Reiter Fröhlich

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Lingüística

Prof. Dr. Werner Heidermann
Orientador

Florianópolis, 26 de fevereiro de 2004

Para os meus dois grandes amores, Guto e Alek.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a meu orientador, Prof. Dr. Werner Heidermann, por ter acreditado na idéia do meu trabalho e pela excelente orientação. Ao Prof. Dr. Mauri Furlan pelas valiosas dicas e por traduções do latim para o português. Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo Rieth, da Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo, por ter me apresentado uma lista de autores e obras de renome sobre os trabalhos de Lutero e por ter me aberto as portas da Biblioteca da EST, onde tive acesso a obras originais. Também ao Pastor Darci Drehmer, editor-chefe da editora Sinodal, por ter me repassado a tradução da carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, antes mesmo dela ter sido publicada. Também agradeço ao CNPq, por ter fomentado o meu trabalho.

Em especial, gostaria de agradecer ao meu marido Guto, por sempre ter carinhosamente me apoiado e me mostrado que com interesse e dedicação conseguimos atingir nossas metas. Não menos importante foi o carinho do meu filho Alek, que mesmo tendo apenas 3 anos de idade, me mostrou que é bom fazer o que gostamos. Obrigada mãe, pai pelo carinho. Obrigada a todos.

Resumo

Essa Dissertação analisa a carta escrita por Martinho Lutero em 1530, a *Sendbrief vom Dolmetschen* (Carta do Traduzir), que responde a críticas do Papado sobre sua tradução "livre" da Bíblia para a língua alemã, em que divulgar a palavra de Deus, de modo a transmiti-la fielmente e a todos, era sua meta principal. Segundo Furlan, se concebe que a tradução da Bíblia fosse uma exigência conseqüente do que se considerava o fator constitutivo da Reforma. Sua tradução seria, então, fruto da junção de fatores lingüísticos, religiosos, políticos e nacionais [Fur02, 243]. Nesse sentido, este trabalho focaliza os fatores lingüísticos da carta, extraindo, por exemplo, algumas nuances do processo tradutológico, que denota, basicamente, o uso da estratégia da tradução complexa e de duas outras técnicas: "abrir mão das letras" e reproduzir literalmente quando necessário - sempre dando ênfase a *rest et verba*, em que a palavra deve seguir o sentido [Sto83].

Acentua-se que a atuação tradutória de Lutero possa ser interpretada como ato colaborativo na "criação" do alemão moderno (*Hochdeutsch*). Com ampla aceitação, sua tradução provocou um processo de normatização de uma língua escrita unificada, em que a tradução não valia mais somente como uma obra cultural, mas também como um documento da língua alemã, que começou a ser visível, p. ex., em inscrições de ditos bíblicos retirados da tradução de Lutero em casas de estilo enxaimel, logo depois da publicação completa da Bíblia, em 1534 [UBF02, 13].

Essa Dissertação também discute o termo adequação (inspirado na teoria de Catford de 1965 [Cat65]) na descrição do processo tradutológico hermenêutico de Lutero ao traduzir a Bíblia, indexando o termo tradução complexa mencionado acima, cujo processo trabalharia com três línguas fonte (LF1 o hebraico, LF2 o grego e LF3 o latim) para gerar o termo adequado na língua meta, corroborando o pensamento renascentista da época (confrontamento com os originais).

Esse trabalho inclui ainda uma breve análise do bilhete introdutório à carta *Sendbrief*, escrito por Lutero a Wenzeslau (retirado da WA30 [Lut09, 627]), e também a tradução completa da carta em português brasileiro, feita por Walter Schlupp em 2003.

Conteúdo

Lista de Figuras	vi
Lista de Tabelas	vii
1 Introdução	1
2 Lutero e a Língua Alemã	6
2.1 Seu histórico	7
2.2 A influência da tradução de Lutero na língua alemã	10
2.2.1 O lugar da língua luterana na história da língua alemã moderna . .	14
2.2.2 Os efeitos da linguagem luterana no ensino do alemão	16
3 Sobre a Carta <i>Sendbrief vom Dolmetschen</i>	18
3.1 Embasamento histórico	19
3.2 Descrição textual da carta	22
3.2.1 Título	23
3.2.2 Prefácio	26
3.2.3 Corpo da carta	28
3.2.3.1 Levantamento vocabular	32
3.2.3.2 Levantamento estilístico	36
4 Lutero e a teoria lingüística de Catford	44
4.1 Lutero e o termo <i>equivalência</i>	44
5 Conclusão	56
Bibliografia	58
A <i>Sendbrief vom Dolmetschen</i>	62
B <i>Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)</i>	75

Lista de Figuras

4.1	Tradução simples.	47
4.2	Tradução simples alemão/português.	47
4.3	Tradução complexa.	48
4.4	Rota de busca de referencial equivalente	52
4.5	Rota de busca de referencial equivalente (aplicada)	53

Lista de Tabelas

3.1	Quadro descritivo da carta (versão brasileira).	30
3.2	Separação das diferentes formas de aparição do vocábulo <i>tradução</i>	35

Capítulo 1

Introdução

Essa dissertação analisa a carta *Sendbrief vom Dolmetschen* (Carta do Traduzir)¹ de Martinho Lutero sob várias perspectivas, fazendo um elo entre a história da tradução bíblica de Lutero e a língua alemã.

A frase *was dolmeschen fur kunst und erbeit sey* [Lut09, 639], que foi escolhida para complementar o título deste trabalho, faz menção à arte e ao trabalho de se traduzir, tratados por Lutero nesta carta, que foi escrita em 1530, e que é um documento tradutológico ainda pouco explorado no Brasil (sua tradução para o português deu-se apenas em abril de 2003).

A falta de material em português que proporcione um estudo brasileiro mais avançado sobre o tema foi o que fomentou a idéia de se analisar com mais afinco a carta e seus desdobramentos. Desta forma, esforços foram concentrados para extrair dessa carta um número considerável de informação lingüística, a fim de descrever, com a ajuda do conceito de *equivalência* de Catford, nuances sobre o processo tradutológico de Lutero na sua tradução da Bíblia para o alemão.

Para organizar essa “extração” de fatos lingüísticos, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado *Lutero e a língua alemã*, abarca um histórico da vida de Lutero, a influência da tradução luterana na língua alemã, o lugar da língua luterana na história da língua alemã moderna (com comentários breves, como os de Albrecht Dürer e

¹Tradução minha.

Capítulo 1: Introdução

Jacob Grimm) e alguns efeitos da linguagem luterana no ensino do alemão.

O segundo capítulo, *Sobre a carta Sendbrief vom Dolmetschen*, apresenta um levantamento histórico do momento da escritura da carta (com a apresentação do bilhete escrito por Lutero a Wenzeslau) e uma descrição textual direcionada a uma análise do título, do prefácio e do corpo da carta. Nesse último item, integram-se também um levantamento vocabular, focalizado em palavras ligadas ao universo da tradução, e um levantamento estilístico, que retira da carta alguns exemplos da sua retórica.

O terceiro capítulo, com o título *Lutero e a teoria de lingüística de Catford* trabalha com algumas idéias de Catford sobre o termo *equivalência*, retiradas do livro *A linguistic theory of translation* [Cat65], a fim de analisar o posicionamento de Lutero como tradutor. Para tanto foi desenvolvida uma análise lingüística abarcando alguns pontos da conceituação catfordiana, aplicados aos exemplos expostos por Lutero em sua carta, que fomentaram a criação de termos como *tradução complexa*.

A importância de Lutero para a ciência da tradução é inquestionável. Ele pertenceu à fase da tradução renascentista, que constitui a base remota de teorias e práticas tradutórias da atualidade [Fur02]. Seu papel, em harmonia com outros tradutores da época, era o de focalizar a tradução no original. Lutero retomou a Bíblia em hebraico e grego e ainda utilizou a versão latina, a *Vulgata*, para buscar o sentido mais adequado a ser introduzido na língua alemã.

Ao longo de seu trabalho, Lutero recebeu inúmeras críticas dos Papistas por “ter aberto mão das letras”² à procura do pensamento original. Tanto nesta carta, como nos *Summarien über die Psalmen und Ursachen des Dolmetschens* (Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução)³, escrita de 1531 a 1533, ele aborda vários problemas teóricos-tradutológicos, com os quais a ciência da tradução ainda hoje se ocupa e para os quais estamos longe de obter uma resposta, como por exemplo a questão da fidelidade ao sentido do original.

²Expressão usada por Lutero para referir-se a uma tradução livre [Lut03, 213].

³Tradução de Eduardo Gross [Lut03, 224-234].

Capítulo 1: Introdução

Reconhecidamente, Martinho Lutero foi ousado. E essa ousadia pode ser observada no seu jeito livre e direto de lidar com a tradução e suas críticas. Está também inserida na sua postura social e religiosa, que desafiou a Igreja Católica, questionando-a enquanto Instituição [Fur02, 258]. A carta *Sendbrief vom Dolmetschen* é um grande exemplo dessa ousadia de Lutero, na qual defende veementemente, na primeira parte, a introdução da palavra *sola* (somente) em R3.28: *allein durch den Glauben*, priorizando o jeito alemão e não o latino de se falar. Ou ainda com a troca de *voll Gnaden* (cheia de graça) por *holdselig* (graciosa) em L1.28: *Gegriüßet seist du holdselige*, dando ênfase ao sentido hebraico do termo. Na segunda parte da carta, Lutero coloca-se contra a intercessão dos santos, gerando grande polêmica teológica.

Com relação às versões da carta utilizadas no desenvolvimento da análise, a em língua alemã foi retirada da obra *Weimarer Ausgabe*, volume 30 de 1909, mais conhecida como WA30. Essa versão está escrita em gótico e pertence a grandiosa coletânea *D. Martin Luthers Werke*, cuja equipe trabalhou com anotações e publicações originais de Lutero [Lut09]. Já a versão brasileira utilizada foi *Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos - 1530*, cujo trabalho de tradução foi realizado por Walter Schlupp e publicado no periódico *Martinho Lutero - Obras Seleccionadas*, volume 8 [Lut03].

O tradutor Walter Schlupp, provavelmente por conta do original, optou por usar termos e expressões bastante populares em sua tradução. Alguns trechos desta tradução são transcritos ao longo deste trabalho a fim de suportar a análise da carta em alemão e podem gerar algum tipo de estranhamento por parte do leitor. Cabe salientar que a tradução de Schlupp, até onde o conhecimento da autora alcança, é a única tradução completa em língua portuguesa até o presente momento disponível publicamente no Brasil. Além disso, sua abordagem está em consonância com a de Lutero, que baseou parte considerável de sua obra na linguagem oral. Tanto o texto em alemão da carta quanto sua tradução para o português serão apresentados sob a forma de anexo no final deste trabalho.

Capítulo 1: Introdução

Quanto aos nomes próprios, eles serão expostos basicamente como no original, com exceção daqueles já reconhecidos pela língua portuguesa, como por exemplo Martinho Lutero, Frederico, etc.

Com referência à autoria das traduções dos exemplos e citações no decorrer desta monografia, elas serão sempre apontadas em nota de rodapé. Quando nada constar, a tradução é minha.

Cabe observar que, mesmo sabendo da importância teológica da carta, este é um trabalho intencionalmente lingüístico, focalizado na obra tradutológica de Lutero.





Lutero como evangelista e tradutor (Sebald Beham, 1524; WA60:349 in [Sto83])

Capítulo 2

Lutero e a Língua Alemã

Germanica autem lingua omnium est perfectissima (Lutero, 1538).

A epígrafe citada acima é uma breve amostra da paixão de Lutero pela sua língua materna. A frase que significa “a língua alemã, no entanto, é a mais perfeita de todas” foi proferida em mais alto tom em um de seus *Tischreden* (discursos à mesa), do dia 19 de setembro de 1538, cuja discussão giraria em torno de um confronto com outras línguas [Wol83, 18].

Lutero tinha grande interesse em fortalecer o poder lingüístico da língua alemã, não medindo esforços para colaborar na emancipação da linguagem popular. Mesmo que tenha sido quase que exclusivamente para a transmissão da Palavra Divina e enaltecimento da fé, a “intervenção” positiva de Lutero nesse processo de emancipação lingüística acarretou no aumento da abrangência do seu entendimento.

Por conseqüência desta significativa contribuição para a história da língua alemã que seu resultado será trabalhado no decorrer desta dissertação, mesmo que não em todos os níveis de análise desejados.

Este capítulo, portanto, abrirá o caminho para os posteriores apresentando um histórico da vida de Martinho Lutero e algumas reflexões sobre sua influência no que viria a transformar-se no alemão moderno.

Explicitamente ou não, Lutero desejava mudar o *status* desta língua, que se-

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

gundo ele, seria a “mais perfeita de todas”. Mas como ser a mais perfeita, se em cada região falava-se de maneira diferenciada? Como ser a mais perfeita se, quando se tratava de burocracias e formalidades, a língua escolhida era o Latim? Principalmente no mundo religioso, o Latim predominava.

Estas questões devem ter feito parte da elaboração do plano de ação de Lutero que, tendo a Mensagem Divina como carro-chefe, “costurou” as diversas formas regionais do alemão oral e escrito, oferecendo sua tradução da Bíblia como instrumento de transformação lingüística. Um livro popular, que continha a língua do povo.

Essa tentativa de colocar o alemão, que era língua vulgar na época, ao nível do latim, língua hegemônica, remete à tendência expressa no Renascimento de derrubar as fronteiras entre as literaturas oficial e não-oficial (latim x língua vulgar). Outros fortes representantes desta ação foram Boccaccio, Rabelais, Cervantes e Shakespeare [Bak99].

2.1 Seu histórico

Nascido em 10 de novembro de 1483, em Eisleben, na Turíngia, Lutero é batizado no dia seguinte, recebendo o nome do santo do dia. No início levou uma vida simples que, em poucos anos, foi elevada a uma bem melhor, podendo Lutero fazer parte do círculo das pessoas economicamente mais respeitadas da região de Mansfeld. Cresceu, portanto, no meio de uma burguesia ascendente [Dre96, 23], tendo oportunidade de estudar nos melhores colégios da região. Em 1497, frequenta a escola *Brüder vom gemeinsamen Leben*, uma espécie de Irmandade, em Magdeburg.

Poucos anos depois de ter entrado no Seminário São Jorge (*Pfarrschule zu St. Georgen*) em Eisenach, muda-se para Erfurt, onde inicia o curso de Artes Livres na Universidade de Erfurt, pré-requisito para a matrícula em uma das três faculdades superiores: Teologia, Medicina e Direito, sendo esta última iniciada em 1505, por desejo do seu pai [Dre96, 24]. É com os estudos sobre arte que é exposto ao pensamento de Aristóteles, a partir da perspectiva de Guilherme de Ockham, sempre enaltecido por Lutero por ser

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

o pensador que melhor entendeu Aristóteles [Dre96]. Daí advém seu gosto pela retórica clássica, tão utilizada por ele em suas discussões e escritos.

Em 2 de julho daquele ano quase é atingido por um raio nas redondezas de Erfurt, fazendo-o refletir e jurar a Santa Ana que se tornaria monge. Logo em seguida, em 17 de julho, sem o conhecimento do seu pai, entra como noviço no *Schwarzes Kloster der Augustiner-Eremiten* (Convento dos Agostinianos Eremitas Observantes¹) de Erfurt. Lá, com as histórias e orações bíblicas, familiariza-se com a Bíblia, que se tornaria um de seus principais objetos de estudo.

No outono de 1506, faz seus votos definitivos de monge, a partir de quando luta fortemente com sua crença. Torna-se doutor em Teologia, em 19 de outubro de 1512. Desde 22 de outubro até o final de sua vida, foi professor de Bíblia na Faculdade de Teologia da Universidade de Wittenberg.

Em 31 de outubro de 1517, Lutero inicia sua luta declarada em direção ao Protestantismo, anexando suas 95 Teses em duas cartas (e não na porta do Castelo de Wittenberg como muitos defendem), direcionadas ao Bispo de Mainz e ao Bispo de Magdeburg, contra o Sermão de Indulgência de Johann Tetzel. As Teses, que foram escritas em latim, denunciaram publicamente o indulto e provocaram uma discussão (*disputatio*) acadêmica. Segundo descrição de Melancthon, as Teses foram apresentadas na Igreja do Castelo de Wittenberg. Pouco tempo depois, elas foram enviadas a vários amigos e eruditos, ocasionando um alastramento rápido e um eco inesperado [Rie83].

Em 1518 aparece o *Sermon von dem Ablass und Gnade* (Sermão de Indulgência e Misericórdia), um escrito popular, em língua alemã, sobre as idéias centrais das 95 Teses. Roma julga as Teses heréticas.

Em outubro, Lutero é interrogado em Augsburg pelo Cardeal legado² Cajetan. Recusa a abjuração. Staupitz desliga Lutero da Ordem. Ele foge de Augsburg para

¹Esta tradução foi retirada de Dreher, 1996.

²Prelado (título honorífico de dignitário eclesiástico) que era outrora encarregado pelo Papa de governar territórios pontifícios) [dH86, 1017].

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

Wittenberg e uma nova solicitação de extradição é feita por Cajetan. Em Dezembro, Príncipe Frederico o Sábio nega ao Papa Leo X a extradição de Lutero e sua expulsão da Saxônia.

Em 1520 o processo papal contra Lutero é reaberto e Franz von Sickingen e Ulrich von Hutten lhe oferecem proteção. Logo em seguida, Lutero recebe a Bula Papal *Exsurge Domine* com a ameaça de excomunhão. Em agosto, Lutero escreve uma contracarta *An den christlichen Adel deutscher Nation* (À Aristocracia Cristã da Nação Alemã).

Em dezembro do mesmo ano, Lutero queima publicamente, em Wittenberg, a Bula Papal com a ameaça da excomunhão [Rie83].

Em 3 de janeiro de 1521 Lutero recebe a declaração definitiva da excomunhão, com a Bula *Decet Romanus Pontifex*. Em 9 de maio inicia-se a estadia de Lutero, como Junker Jörg, em Wartburg sob a proteção de Frederico o Sábio. Em dezembro, Lutero inicia a tradução do Novo Testamento.

Em abril de 1522, Huldreich Zwingli dá início à reforma em Zurique. Em setembro é publicado o Novo Testamento sem nome do tradutor. Lutero inicia a tradução do Velho Testamento, que vem a ser terminado em 1534.

Em 13 de junho, Lutero casa-se com a ex-freira Katharina von Bora. Com o auxílio dos Príncipes da Saxônia, Lutero coordena a reestruturação da Igreja.

Em 1530, Lutero fica na fortaleza de Coburgo, período no qual é substituído por Melanchthon nos assuntos relacionados à Reforma, inclusive na elaboração da *Confessio Augustana* que é lida no Parlamento de Augsburg, moldando assim a primeira confissão pública do Protestantismo. Logo em seguida, Lutero escreve *Sendbrief vom Dolmetschen* (Carta sobre o Traduzir) destinada a Wenzeslau Linck.

Em 1534 é publicada a primeira edição completa da tradução bíblica de Lutero: *Biblia, das ist die ganze Heilige Schrift Deutsch* (Bíblia, a completa Escrita Sagrada alemã).

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

Em 18 de fevereiro de 1546, morre em Eisleben e é enterrado, em 22 de fevereiro, em Wittenberg.

2.2 A influência da tradução de Lutero na língua alemã

Esta seção apresenta alguns desdobramentos oriundos da tradução luterana da Bíblia que influenciaram na trajetória da língua alemã. As causas e os efeitos do alastramento dessa influência, especialmente ligada à linguagem de Lutero, foram favorecidos pela união de diversos fatores.

Com um talento literário extraordinário, o Reformador se ocupou com temas bastante atuais do seu tempo, instigando interessados num cenário lingüístico em movimento. Também igualou o latim, língua hegemônica da época, à linguagem alemã popular: de um lado, criou termos técnicos alemães para a teologia e, por outro, ofereceu situações e subsídios lingüísticos a leigos ávidos por informação, que viviam sob uma espécie de pressão [Wol83, 68].

A versão luterana da Bíblia tornou-se então um grandioso meio de comunicação, preenchendo assim uma lacuna lingüística existente, não só no meio plebeu, mas também no erudito, que usava o alemão em família e entre amigos.

Segundo relatos do periódico *Expressum* da *Freiburger Bibliothek* (UBFreiburg), a tradução bíblica de Lutero não foi a primeira em língua alemã a ser publicada. Já em 1466 a editora Johann Mentel publicou em Straßburg uma Bíblia em alemão, cuja tradução, advinda da Bavária, foi considerada antiquada. Até 1518 haviam sido publicadas 14 versões em alto-alemão e quatro versões em baixo-alemão, tanto que a idéia de se traduzir a Bíblia não parecia algo muito extraordinário [UBF02, 13].

Um dos fatores que contribuiu para tornar a tradução de Lutero especial foi, no entanto, seu conhecimento lingüístico, oriundo de várias vertentes. A origem dos seus pais, sua estadia na escola de Eisenach, tanto quanto os anos de estudos em Erfurt, foram de grande importância para demarcar o “turíngio” (*Thüringische*) como compositor da sua

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

linguagem. A isso associa-se seu conhecimento do baixo-alemão (*Niederdeutsch*), adquirido em seus anos de estudos (na infância) em Mansfeld e Magdeburg. Sua longa estadia em Wittenberg colocou, pois, o alemão do meio-leste da Alemanha (*Ostmitteledeutsch*) ao lado do baixo-alemão.

Outro fator a ser levado em consideração é a influência que sua mulher teve. Ela, que veio da região oeste do alto-alemão, estava em constante contato com colegas, alunos e amigos de diversas partes da Alemanha. Suas inúmeras viagens também fazem parte desse enorme repertório lingüístico.

Herbert Wolf, considerando esse grande conhecimento lingüístico de Lutero, sugere definir seu dialeto como:

überregionales Ostmitteledeutsch mit niederdeutschen Einschlügen bei Offenheit für andere Regionalismen [Wol83]³.

Lutero, no entanto, optou na sua tradução pelo uso da língua da chancelaria saxônica (*Kanzleisprache*). Ela era uma espécie de idioma unificado, que juntava lingüisticamente o alemão falado na Alemanha-alta (*Oberdeutschland*) e na Alemanha-baixa (*Niederdeutschland*), cujo empreendimento tradutológico era sustentado por uma base de entendimento comum [UBF02, 13]. Lutero não procurava uma língua rebuscada e cheia de rodeios, mas sim uma que representasse a necessidade da população. Seu desejo, portanto, era apresentar uma Bíblia popular, cuja linguagem fosse entendida em todos os cantos. De fato, se consideramos as informações contidas no *Expressum*, 80-90% das formas lingüísticas usadas por Lutero eram entendidas tanto na Alemanha-baixa, quanto na alta [UBF02].

Sua tradução também se diferenciou das anteriores pelo fato dele ter usado textos originais em hebraico e grego, enquadrando-o em uma das características do pensamento humanista, que era a valorização dos textos originais [Fur02, 241].

³Alemão supra-regional do meio-leste da Alemanha, com influências do baixo-alemão, e aberto a outros regionalismos.

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

Em se tratando das revisões textuais da Bíblia, que foram inúmeras, Lutero agiu praticamente sozinho. Mesmo nas grandes revisões do Novo Testamento, de 1526 e 1530, fez uso apenas de esporádicas consultas a profissionais do assunto. Somente para a revisão do Saltério, em 1531, Lutero montou uma equipe (Melanchthon, Cruciger, Jonas, Aurogallus e Rörer ⁴), que trabalharam em conjunto até 1544 [Wol83, 81].

A imperfeição da língua alemã falada e escrita da época era alvo de constante reflexão e pesquisa de Lutero. No prefácio da tradução do Antigo Testamento, ele justificou: “*Ich hab auch noch bis her keyn buch noch briefff gelesen, da rechte art deutscher sprach ynnen weren*” (Eu até hoje nunca li nenhum livro e nenhuma carta que contivesse um alemão correto) e continua dizendo: “*Es achtet auch niemant recht deutsch zu reden, sonderlich der herrn Canceleyen vnd die lumpen prediger, vnd puppen schreyber*” (Ninguém realmente se preocupa em falar um bom alemão, principalmente os senhores Chanceleres, os pregadores safados e os escritores embonecados) [Wol83, 19].

O resultado do seu trabalho tradutológico, em direção a um “bom alemão”, atingiu grandes proporções. Dez Bíblias completas e mais 80 edições em alto-alemão, de parte dela, foram impressas só em Wittenberg, entre 1522 e 1546 [UBF02, 13]. Dados retirados de Furlan demonstram que, no total, até a morte de Lutero, haveriam existido mais de 430 edições completas da Bíblia, ou parte dela. E também que em 1535 de cada 70 alemães, um possuía a tradução luterana do Novo Testamento [Fur02, 243].

A tradução bíblica de Lutero, com sua ampla aceitação, provocou um processo de normatização de uma língua escrita unificada, tanto que a tradução não valia mais somente como uma obra cultural, mas também como um documento-fonte da língua alemã. Pôde-se comprovar quão profundo foi o impacto da linguagem de Lutero na vida do povo, visualizando a quantidade imensa de casas em estilo enxaimel (*Fachwerkhäuser*) com inscrições de ditos bíblicos e também nas expressões, presentes na versão luterana da Bíblia, que aos poucos se tornaram expressões populares regulares da língua alemã (como por exemplo: *Perlen vor die Säue werfen* (Mt.7,6), *Dorn im Auge* (Núm.33,55), e *sein Herz*

⁴A partir de 1539, também Bugenhagen fez parte da comissão de revisão.

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

ausschütten (1Sam.1,15))⁵ [UBF02, 13].

Furlan aponta que, em 1520, 90% dos escritos publicados na Alemanha estavam em Latim e que, em 1570, somente 70% [Fur02, 244], fato que pode ser remetido à influência da tradução bíblica de Lutero na língua alemã, que colaborou na difusão da língua padronizada.

A linguagem de Lutero estava concentrada nos conceitos da linguagem bíblica e ancorada em seus pensamentos religiosos, tendo sido, portanto, um teólogo-lingüista. Para Lutero *opera dei sunt verba eius* (as obras de Deus são suas palavras) [Wol83, 21]. Sendo assim, esmerou-se para trazer a língua alemã unificada até a Igreja, com o desejo de “deslatinizar” as Missas. No início ele fazia somente os sermões em alemão, depois foi integrando sua língua em toda a Missa. Para tanto, sentiu a necessidade de colocar no papel uma espécie de apostila, para ajudar seus colegas ainda inexperientes. A *Kirchenpostille* (Apostila da Igreja) foi, segundo ele, seu melhor livro [Wol83, 25]. Logo em seguida, sentiu a falta de canções em linguagem popular para o acompanhamento das Missas. Para preencher esta lacuna, ele mesmo criou algumas músicas em alemão com o intuito de estimular outros compositores. Foi portanto não apenas um criador de palavras, mas também de melodias.

É pertinente observar, que a invenção da imprensa (com tipos móveis) teve grande papel em toda esta história. Gutenberg acabou proporcionando um meio mais eficiente e rápido para o alastramento das idéias de Lutero.

Atualmente, vê-se essa ligação, imprensa-sucesso luterano, de maneira mais forte do que na época. Uma observação de B. Moeller, que aparece no periódico *Expressum*, faz referência à *Reformation des Glaubens* (Reforma da Fé) como uma *Refor-*

⁵Tradução retirada da *Bíblia Sagrada* - Edições Paulinas [Dal80]: *Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas* (p.1067); *Se vós não quiserdes matar os habitantes do país, os que ficarem serão para vós como pregos nos olhos, e lanças nas ilhargas, e opor-se-ão a vós na terra da vossa habitação* (p.181); e *Ana, respondendo, disse: Não é assim, meu senhor, porque eu sou uma mulher muito infeliz, e não bebi vinho, nem outra coisa que possa embriagar, mas dilatei a minha alma na presença do Senhor* (p.273). No Brasil, a expressão mais adequada para a versão alemã atual [Dud01] de *pregos nos olhos* seria: *ser o calo no sapato de alguém* e para a expressão *dilatar a minha alma*, o sentido seria: *confiar em alguém*. Para a primeira expressão, não foram encontrados equivalentes satisfatórios.

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

mation der Bücher (Reforma dos Livros). Lutero tinha consciência deste poder, uma vez que definiu a nova imprensa, em um de seus discursos à mesa, como [*die*] “*beste und letzte Gabe... durch welche Gott die sache treibet*” (a melhor e mais recente dádiva... através da qual Deus exerce seu poder) [UBF02, 15].

2.2.1 O lugar da língua luterana na história da língua alemã moderna

Em continuação à apresentação da influência da tradução de Lutero na língua alemã, faz-se necessário pensar sobre o lugar que a língua luterana ocupa na história da língua alemã moderna. Nesse sentido, optou-se aqui em apresentar comentários breves de alguns autores.

Albrecht Dürer, por exemplo, cita Lutero em seu diário de viagem de 1521, escrevendo que, mesmo antes de ter traduzido a Bíblia, ele já tinha fama de bom escritor.: [*weil er*] “*clärer geschrieben hat dan nie keiner in 140 jahren gelebt*” (escrevia de modo tão claro, que nenhuma pessoa nos últimos 140 anos poderia fazê-lo melhor).

Se consideramos os trabalhos semelhantes da época, seu estilo era único, especial. Johannes Sleidanus, em *Commentarii* de 1555, valorizou a habilidade formal de Lutero dizendo: “*Germanicam linguam et exornavit plurimum et locupletavit, et primam in ea laudem obtinet*” (Ele enfeitou e enriqueceu a língua alemã de modo extraordinário, por isso recebe os mais altos elogios) [Wol83, 86].

Wolf comenta que Erasmus Alberus, em 1556, o equipara a Cícero: “*Lutherus linguae Germanicae parens, sicut Cicero Latinae*” (Lutero é o pai do alemão, assim como Cícero é o do latim). Embora também tenha incitado algumas críticas sobre seu mérito lingüístico, Albertus, através da “heroização” de Lutero, foi um dos primeiros a considerá-lo como o *Schöpfer des Neuhochdeutschen* (criador do alto-alemão moderno).

E os elogios não pararam por aí. Christoph Walther, em 1563, enalteceu o Reformador justificando: [*weil er*] “*vnser Mutter sprache / sehr scho^en polirt vnd*

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

geschmu^eckt hat” (porque ele poliu lindamente e enfeitou nossa língua materna). Até mesmo alguns inimigos, como Hieronymus Emser, Erasmus Wolf e Georg Witzel, teriam reconhecido seu mérito [Wol83, 88].

Em 1819, Jacob Grimm escreve no prefácio da sua *Deutsche Grammatik*:

[Luthers Sprache] “muss ihrer edlen, fast wunderbaren reinheit, auch ihres gewaltigen einflusses halber, für kern und grundlage der nhd. sprachniedersetzung gehalten werden, wovon bis auf den heutigen tag nur sehr unbedeutend, meistens zum schaden der kraft und des ausdrucks abgewichen worden ist. Man darf das nhd. in der that als den protestantischen dialect bezeichnen, dessen freiheitathmende natur längst schon, ihnen unbewußt, dichter und schriftsteller des katholischen glaubens überwältigte” [apud Wolf, 1983].

Resumindo o sentido da citação acima, Grimm, embora admita que no seu tempo ainda houvesse divergências sobre o assunto, considera que Lutero teve grande participação no alemão moderno, sendo a sua base de sustentação. Grimm, na sua *Gramática Alemã*, define o alemão moderno como sendo um dialeto protestante, mas no prefácio da primeira edição do seu *Deutsches Wörterbuch* (Dicionário Alemão), de 1854, questiona essa visão.

Depois de ter se envolvido intensivamente com pesquisas sobre algumas ocorrências isoladas relativas ao desenvolvimento lingüístico do alemão, Grimm muda seu discurso e tenta corrigir a tradicional visão, em que o Reformador assume o papel principal na formação da alemão moderno. Segundo ele: [...] “seit Luther steigt nur die fülle und freiere behandlung der literatur” (desde Lutero somente cresce a abundância e o manejo mais liberal da literatura) [apud Wolf:1983, 89-90].

Em contrapartida, outros lingüistas, como Friedrich Kluge, Hermann Paul e Heinrich Bach, quando falam da forma escrita do alemão moderno, sempre ligam Lutero com a função de criador ou fundador desta [apud Wolf:1983, 90].

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

Levando-se em consideração o que foi visto até aqui, é fundamental considerarmos as divergências sobre o lugar certo de Lutero na História da língua alemã moderna.

Para Herbert Wolf, as diferenças encontram-se basicamente no fato de inúmeros fenômenos lingüísticos ligados à linguagem luterana ainda não terem sido analisados e trabalhados nas suas devidas proporções. Também existe o fato da situação lingüística anterior a Lutero, e da sua época, ainda não ter sido tão bem pesquisada assim, que uma ordenação plausível desses fenômenos fosse possível [Wol83, 92].

As opiniões dos lingüistas são, portanto, controversas. E, neste caso, para se ter uma segurança lingüística é necessário o encaminhamento de pesquisas mais específicas, relacionadas à situação lingüística daquele momento, com especial atenção à *Kanzleisprache* (língua da chancelaria) da área vética.

Theodor Frings e Mirra M. Guchmann, autores da *Kleine Enzyklopädie: Die deutsche Sprache*, de 1969, podem ser considerados os primeiros representantes dessas pesquisas. Eles reconhecem a grande participação de Lutero na unificação lingüística feita a partir do *Ostmitteldeutsch*⁶. Procuram, no entanto, evitar considerá-lo como o “criador” ou “fundador” do alemão moderno.

2.2.2 Os efeitos da linguagem luterana no ensino do alemão

Seguindo a linha de pensamento das seções anteriores, em que a influência da tradução de Lutero na língua alemã e o lugar que a língua luterana ocupa na história da língua alemã moderna são discutidos, é que se pensou em anexar a esse trabalho pinceladas sobre alguns efeitos da linguagem luterana no ensino do alemão.

Sob ponto de vista diacrônico, já em 1531, Fabian Frangk usa os escritos ale-

⁶O “Ostmitteldeutsch”, ou alemão do meio-leste da Alemanha, tornou-se a língua dominante entre as demais, por ser a língua mais falada na Saxônia Anhalt, onde os movimentos reformatórios surgiram. A influência da língua escrita desta região, portanto, foi grande. Só em Wittenberg, entre 1534 e 1626, houve cerca de 100 publicações da Bíblia, com uma tiragem estimada de 200.000 exemplares. Com essa quantidade de material escrito, também a linguagem oral, com base na linguagem escrita, cresceu, desenvolvendo uma linguagem corrente suprarregional, que aos poucos avançou em direção ao forte território lingüístico do Niederdeutsch (baixo-alemão)[Wol83, 70].

Capítulo 2: Lutero e a Língua Alemã

mães de Lutero como exemplo de uso lingüístico em inúmeros livros didáticos. Em 1578, Johannes Clajus, publicou em língua latina a *Gramatica Germanicae linguae [...] ex bibliis Lutheri Germanicis et aliis libris collecta*, que, reeditada onze vezes (a última em 1720), legitimou a linguagem de Lutero, utilizando-a como exemplo especialmente nos livros didáticos [Wol83, 74].

Mesmo que a emancipação lingüística iniciada por Lutero tenha sido questionada, ela veio a fazer parte de alguns currículos escolares. A primeira regulamentação foi a da *Weimarer Schulordnung* (Regimento Escolar de Weimar) de 1619, direcionada especialmente a crianças de seis a doze anos, idade na qual o processo de aprendizagem está diretamente ligado à língua materna.

Com esse passo, Johannes Kromayer, membro formador deste regimento, iniciou formalmente a introdução do ensino da língua popular alemã protestante nas escolas [Wol83, 27 e 76]. Logo em seguida, em 1642, a *Gothaische Schulordnung* (Regimento Escolar de Gotha) apresentou questões de ortografia ligadas à linguagem proposta por Lutero. Segundo Wolf, até mesmo para disciplinas como História Mundial e Geografia, a Bíblia luterana permaneceu como um importante livro didático, transmitindo também uma imprevisível influência lingüística [Wol83, 76].

Mesmo Lutero não tendo explicitamente desejado, num primeiro plano, utilizar sua linguagem no meio escolar, sua introdução foi, com o passar do tempo, automática. No prefácio da edição da Bíblia de 1892, por exemplo, aparece formalmente expressa a indicação da Bíblia como um “livro popular e escolar” [Wol83, 76].



Capítulo 3

Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Este capítulo foi pensado para ser o eixo estrutural do trabalho, abarcando duas questões importantes para o entendimento global da carta. A primeira tratando de um levantamento histórico do momento da escritura desta, com apresentação do pouco conhecido bilhete que Lutero escrevera encaminhando sua carta *Sendbrief vom Dolmetschen* a Wenzeslau Linck, e algumas curiosidades com relação à motivação que Lutero tivera para escrevê-la.

Já a segunda parte está direcionada a questões lingüísticas, abarcando uma análise textual direcionada a alguns pontos específicos da carta, como, por exemplo, à análise das várias versões do título (publicadas em 1530).

Um levantamento vocabular, envolvendo um estudo sobre as diversas facetas da palavra *traduzir* e suas derivações, que tem como objetivo a validação da carta como um texto tradutológico, bem como um estilístico, que visa extrair as marcações de oralidade do texto de Lutero, são outros pontos de pesquisa da segunda parte que estarão esteados num quadro descritivo sobre o conteúdo da carta.

3.1 Embasamento histórico

Em 21 de janeiro de 1530, o Imperador Carlos V (1500-1558)¹ escreveu ao Príncipe João da Saxônia convocando uma Dieta para a cidade de Augsburgo (*Augsburger Reichstag*), na qual reunião do parlamento alemão deveria ter início em 8 de abril daquele ano. A finalidade desta Dieta era deliberar sobre a guerra contra os turcos e para ouvir o que os membros da nova fé (protestante) tinham a dizer sobre as diferenças e semelhanças com a velha fé (católica), que também estaria se defendendo, a fim de uma conciliação.

Imediatamente após o pedido imperial, o Príncipe da Saxônia, que estava ao lado dos protestantes, decretou que Lutero permanecesse na fortaleza de Coburgo, enquanto as negociações do parlamento estivessem em andamento. Logo em seguida, ordenou aos teólogos de Wittenberg que “preparassem um documento² no qual ficassem evidentes os pontos de divergência com os representantes da velha fé” [Dre96, 37]. Philipp Melanchthon³ foi quem elaborou esta documentação, que, após várias revisões, foi formalmente apresentada ao Imperador em 25 de junho. Lutero, embora não concordando, não participou da Dieta, sendo forçado a mudar-se para a Fortaleza de Coburgo, onde permaneceu de 24 de abril até 13 de outubro de 1530.

Este período de isolamento foi, literariamente, muito produtivo para Lutero, que desenvolveu vários escritos. Dentre eles a polêmica carta *Sendbrief vom Dolmetschen* (Carta sobre o Traduzir), que é o objeto de estudo deste trabalho. Esta carta, além de ser um documento valioso para a área da teologia, é bastante representativa para a ciência da tradução, que pouca documentação tem sobre o processo tradutológico desenvolvido por Lutero durante suas traduções bíblicas.

¹Coroado pelo Papa apenas em fevereiro de 1530 [Dre96, 36].

²Segundo Dreher, a base desse documento foram os *Artigos de Schwabach* de 1529 e os *Artigos de Torgau*, elaborados por Philipp Melanchthon, para evidenciar os assuntos relativos a questões de ordem eclesiástica e a cerimônias [Dre96, 37].

³Philipp Schwartzert (1497-1560), grande conhecedor da língua hebraica e grega, trocou seu sobrenome (terra negra) por seu equivalente em grego (Melanchthon), vindo a se chamar Philipp Melanchthon. Com apenas 21 anos de idade já era professor de hebraico e grego na Universidade de Wittenberg. Foi grande amigo e conselheiro de Lutero nas questões da Reforma [Schsd], cujo controle assumiu após a morte do seu companheiro de luta.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Ela, que foi um meio público de protesto contra as críticas que estavam circulando na região sobre a tradução de Lutero do Novo Testamento (NT), foi primeiramente enviada a seu amigo Wenzeslau Linck, no dia 12 de setembro de 1530, para que este desse seu parecer com relação ao conteúdo da carta.

Essa informação pode ser comprovada com o bilhete escrito em latim, que Lutero anexou à carta. Este apresenta a intenção de Lutero de tornar uma carta de caráter particular em pública (mas somente com a anuência de seu amigo Wenzeslau).

A seguir, uma reprodução desse bilhete, retirada do volume 30 da Edição de Weimar de 1909:

“Mitto exemplar pro tuo Georgio Rottmaier, mi Wenceslaë, quod tu ei dabis, si adest; si abest vero, custodias ei, donec veniat, nec alteri des. Poteris autem vel tuo nomine edere tanquam epistolam meam, ab amico tibi missam et traditam. Nam ego velut e cuniculo istud scriptum et ceu praeludium velim praemitti, tanquam me non vigente atque aliud agente. Si forte aliqui retineri possint spe, prolixus in hac re scripsi. Titulum ergo talem poteris praefigere: Ein Sendbrief D. Mart. Luthers vom Dolmetßchen, vel ut tibi placuerit... Sed heus unum: si tibi exemplar istud indignum videtur ob materiae vilitatem, ut edatur, tuo iudicio stet et cadat.”

Martinho Lutero [Lut09, 627]

“Envio uma cópia para teu amigo, Georg Rottmaier, caro Wenzeslau, para que tu lha dês quando o encontrares; se, porém, ele estiver ausente, guarda para ele até que regresse, e não dês a outro. Poderás, contudo, se quiseres, divulgá-la como se fosse uma carta minha, enviada e entregue a ti por um amigo. Pois eu, por assim dizer, desde este subterrâneo, queria enviar este escrito como se fosse um esboço, como se eu não tivesse me empenhado nisso e estivesse fazendo outra coisa. Escrevi extensamente sobre este tema, com a esperança de que alguns possam ser cativados. Poderás pois dar-lhe um título como: Ein Sendbrief D. Mart. Luther vom Dolmetschen, ou como te agrada? Mas considera bem uma coisa: se este exemplar te parece indigno de ser publicado pela insignificância do assunto, que se submeta ao teu julgamento e a ele se atenha.”

Tradução de Mauri Furlan [2003]

Este escrito mostra o cuidado de Lutero em deixar somente as pessoas certas terem acesso ao texto da carta, no caso Wenzeslau, seu amigo, e Rottmaier, o editor. Também comenta que Wenzeslau teria carta branca para avaliar o conteúdo da mesma. Se achasse conveniente, deveria retê-la, não a entregando para publicação.

Wenzeslau acatou o pedido do amigo providenciando a publicação da carta, em 15 de setembro de 1530, com o título *Ein Sendbrieff D. // M. Lutthers. // Von Dol-*

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

*metßschen // vnd Fürbit der // heiligenn*⁴.

Voltando aos comentários sobre o momento histórico, é necessário retomar a influência que a Dieta de Augsburgo teve nesse processo. Embora Lutero não estivesse fisicamente presente, ela foi o estopim desta sua auto-defesa, pois Lutero sabia, através de relatos, que a *Confessio Augustana* (Confissão de Augsburgo), formulada por Melancthon, fora recusada pelo Imperador, que apresentou o texto da *Confutatio* para revidá-la. E que, logo em seguida, Carlos V exigiu do Papa a convocação de um concílio, que foi negado pela Cúria. Novas negociações surgiram e, mesmo com a apresentação da *Apolo-gia da Confissão de Augsburgo*, o Imperador não aceitou mudar de idéia. Em decorrência, os representantes protestantes se retiraram de Augsburgo. A resolução final da Dieta saiu em 19 de novembro de 1530: “os da nova fé receberam tempo até abril de 1531 para se posicionar sobre os pontos onde havia divergência; ficaram proibidos de introduzir novas doutrinas; não podiam impedir a recatolização dos territórios” [Lut03, 37].

Só por volta de 1555, depois de muitas lutas, é que se alcançou a Paz Religiosa de Augsburgo. Em decorrência desta Paz Religiosa, os Príncipes Territoriais adquiriram direito de determinar a religião dos seus súditos e a religião protestante⁵ foi reconhecida com igualdade de direitos ao lado da católica [Kap96, 14].

Outro fator motivador da carta foi o plágio do Novo Testamento (NT) feito por Jerônimo Emser, teólogo, advogado e secretário do Duque Jorge, da Saxônia. Esse, a mando do Duque, que havia proibido a circulação do Novo Testamento traduzido por Lutero, é encarregado de fazer uma nova tradução.

Segundo comentários sobre essa “cópia” da Bíblia de Lutero, retirados da introdução à *Carta sobre o Traduzir* de Martim Warth (do periódico *Obras de Lutero*, volume oito): “[Jerônimo] não usou como base o texto de Erasmo, mas a Vulgata. Conser-vou, no entanto, o estilo de Lutero, de tal forma que sua edição de 1527 nada mais foi do

⁴Maiores detalhes sobre o título original serão apresentados no próximo capítulo.

⁵Por intermédio da Paz Religiosa de Augsburgo, 80% da Alemanha era protestante. Esse número foi logo em seguida alterado pela Igreja Católica, que conseguiu recuperar várias regiões por meio da Contra-Reforma.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

que um plágio da edição de Lutero de 1522, inclusive com as mesmas gravuras. Apenas 'corrigiu' o que achava interessante"[Lut03].

A seguir, um trecho da carta onde Lutero explicita sua indignação com relação ao plágio da sua tradução do NT, retirado da versão da WA30 de 1909:

[...] Denn wir haben ja gesehen den Suedler zu Dresden, der mein New Testament gemeistert hat (ich wil seinen namen yn meinen buechern nicht mehr nennen, So hat er auch nun seinen richter, und ist sonst wol bekandt) der bekennet, das mein deutsch suesse vnd gut sey, und sahe wol, das ers nicht besser machen kundt, und wolt es doch zu schanden machen, fur zu, und nam fur sich mein New Testament, fast von wort zu wort, wie ich gemacht hab, und thet meine vorrhebe, glos und namen davon, schreib seinen namen, vorrhebe und glos dazu, verkaufft also mein New Testament unter seinem namen, Wann, lieben kinder, wie geschach mir da so wehe, da sein landffurt mit einer grewlichen vorrhebe verdampft und verbot des Luthers New Testament zu lesen, Doch daneben gebot des Suedlers New Testament zu lesen, welchs doch eben dasselbig ist, das der Luther gemacht hat.

Martinho Lutero [Lut09, 634]

[...] Afinal de contas, vimos o picareta de Dresden que se pôs como mestre do meu Novo Testamento (não quero mais mencionar o seu nome em meus livros; afinal, agora ele tem o seu juiz, além de ser muito conhecido): ele confessa ser doce e de boa qualidade o meu alemão, percebendo muito bem que não poderia fazê-lo melhor, e tentou, mesmo assim, arruiná-lo, pegou o meu Novo Testamento, quase que palavra por palavra, do jeito que eu fiz, tirou meu prefácio, minhas observações e meu nome, escreveu o seu nome, prefácio e observações, para, então, vender o meu Novo Testamento com o nome dele. Ora, meus queridos, quanto me doeu quando seu príncipe condenou e proibiu, num prefácio horrroso, a leitura do Novo Testamento de Lutero, mandando, porém, ao mesmo tempo, ler o Novo Testamento do picareta, o qual, afinal de contas, é exatamente o mesmo que o Lutero fez.

Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 208-209]

A citação acima demonstra toda a sua intolerância com relação a esse plágio fomentado pelo Duque da Saxônia, que além de ter proibido a circulação da versão de Lutero a usou como referência na versão de seu súdito Emser.

3.2 Descrição textual da carta

Essa seção está voltada para a apresentação e discussão de três itens complementares. O primeiro abarcando as diversas versões do título da carta (publicadas em 1530); o segundo tratando do prefácio feito por Wenzeslau; e o terceiro do corpo da carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, que foi trabalhado de maneira bastante particular, no sentido de abarcar, no mínimo, duas funções: a de gerar respostas sobre as críticas circulantes na região sobre a

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

tradução bíblica de Lutero (assumindo caráter mais lingüístico) e a de defender a recém fundada religião protestante (assumindo caráter teológico), em consequência da utilização dos argumentos presentes nos últimos parágrafos da carta, onde Lutero descreve que *há segurança aqui deste lado, e ali grande risco* [Lut03, 219].

Enquadrados neste último ponto, encontram-se um levantamento vocabular, que objetiva uma avaliação do uso da palavra *tradução, tradutor, traduzir e traduzido*, e um levantamento estilístico, que tem como meta extrair as ocorrências de expressões idiomáticas, metafóricas e de provérbios, que demarcam o uso de recursos de oralidade/retóricos na escrita de Lutero.

3.2.1 Título

Para dar ênfase à verticalidade da análise da carta, o título será o primeiro item a ser comentado.

Hermann e Brenner [Lut09], que introduzem a carta na versão de 1909 da edição de Weimar, apresentam alguns detalhes da versão original da carta, abordando os títulos das oito versões publicadas no ano de 1530. Eles, que consideram a carta uma prova autêntica da visão luterana sobre a tarefa do tradutor e com isso uma fonte importante para a história da tradução bíblica de Lutero, oferecem grande auxílio na descrição aqui proposta.

Das oito versões dos títulos apresentados por eles, cinco são citadas e comentadas abaixo:

A¹ (editada por Johann Stücks, em Nürnberg⁶)

“Ein Sendbrieff D. || M. Luthers. || Von Dolmetßschen || vnd Fürbit der || heiligenn.
|| M.D.XXX.||”

⁶Conforme Hans-Ulrich Delius [Lut83], essa versão teria sido editada por Georg Rottmaier. Delius é desta opinião provavelmente por Lutero ter citado Rottmaier no bilhete a Wenzeslau Linck, anexado à carta *Sendbrief vom Dolmetschen*.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Contra-capa impressa. 10 folhas em *Duart*. Última página em branco (conf. em Luth. 5857, Berlin).

A² (a mesma impressão, mas com melhoria na página de rosto B.2 “Luthers”). (Berlin, Luth.5857a).

B¹ (editada por Georgen Rhaw, em Wittenberg)

“Ein Send= || brieff, von Dolmet= || schen, vnd Fürbit= || te der hei= || ligen. || D. Mart. Luther. ||”

Apresentação do título com decoração. Wittenberg M.D.XXX. Contra-capa em branco. 16 folhas em *Duart*. Última página em branco. (Berlin, Luth.5851).

C¹ (editada por Hans Weiss, em Wittenberg)

“Ein Sendtbriefff || D. M. Luthers. || Von Dolmeß= || schen vnd Für= || bit der heili= || gen. || M.D.XXX. ||”

Apresentação do título com decoração. Contra-capa impressa. 12 folhas em *Duart*. Última página em branco. (Berlin, Luth.5853).

D (editada por Hans Barth, em Magdeburg)

“Ein Send= || brieff, von Dolmet= || schen, vnd Fürbitte || der heiligen. || D. Mart. Luther. || Wittemberg. || M.D.XXX ||”

Apresentação do título com decoração. Contra-capa impressa. 10 folhas em *Duart*. Última página em branco. (Berlin, Luth.58 54).

Primeiramente faz-se necessário observar que os títulos apresentados acima fazem parte de uma seqüência de versões corrigidas a cada publicação, sendo, no entanto, editadas em locais diferentes, por editores diferentes. Há casos, como na edição **A²**, por exemplo, em que a impressão é a mesma da **A¹**, havendo somente correção do nome de Lutero que fora publicado na primeira versão erroneamente com <tt>.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Graças aos estudos de Hermann e Brenner, pode-se considerar que a impressão **A** (de Nürnberg), foi a primeira, tendo servido de modelo às versões **B** e **C** editadas em Wittenberg. Já a versão **D** (de Magdeburg) teria sido editada com base em **B**.

Deste modo, a versão **A**, ao contrário das outras, é a mais próxima das formas lingüísticas de Lutero. Nas versões **B** e **C**, por exemplo, aparecem formas lingüísticas do alto-alemão, que não são encontradas em **A** [Lut09, 630]. Sendo assim, é possível imaginar que as pequenas oscilações vernaculares, constatadas nos títulos apresentados acima, advenham da diferença regional presente nas edições. A palavra *Fürbitte* (Intercessão), por exemplo, aparece de forma diferenciada em todas as entradas, mesmo que seja na tabulação, [Fürbit (**A**¹), Fürbit= || te (**B**¹), Für= || bit (**C**¹), Fürbitte (**D**)].

Sabendo da origem dos títulos, é possível dizer que o <e> a mais de **D** advenha do **B**¹, tornando possível ainda especular que essa diferença lingüística seria pertencente a resquícios do alto-alemão presente nas edições de Wittenberg. Infelizmente, esta especulação pode tornar-se inválida se observarmos o comportamento da palavra *Fürbitte* em **C**¹, em que o <e> não aparece.

Em se tratando de mudanças, a palavra *Luther*, que aparece na primeira edição da carta com <t> duplo, é corrigida na próxima edição (**A**²), demonstrando também uma certa organização vocabular dentro daquele universo lingüístico em padronização.

O número de páginas das edições que, por exemplo, varia de 10 a 16, em estilo *Duart*; os detalhes de impressão, com presença ou não de *Titelfaßung* (apresentação do título com decoração); e a existência ou não de contra-capa impressa são informações adicionais aos títulos, apresentadas nos exemplos anteriores, que podem não ser muito relevantes para uma análise lingüística da carta - e é por esse motivo que não serão aqui analisadas - mas têm seu valor histórico no sentido de demonstrar as variações de edição nas impressões da época.

Quanto ao conteúdo do título, é de se observar que a escolha do tipo *Sendbrief* deu-se a partir da importância dada na época ao estilo “carta aberta”. Conforme reflexões

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

de Burkhardt, Lutero desejava expor abertamente suas idéias, levado pela característica da *Reformatorische Öffentlichkeit* (Publicidade relacionada à Reforma Protestante), pois uma *öffentliche Brief, Sendbrief* ou também conhecida como *zeitgenössisch Massiv* era uma forma de escrita pública, evoluída a partir do tipo textual *Flugschriften* (Folhetim) [Bur02, 38].

Além disso, outro fato a ser mencionado com relação ao título da carta é o de Linck e Rottmaier terem adicionado uma segunda parte ao título sugerido por Lutero no seu bilhete (conferir item 3.1). Provavelmente eles incluíram a questão da intercessão dos santos, por conta da carta estar claramente dividida em dois assuntos. Relembrando, o primeiro abarcaria questões de tradução, remetendo à primeira parte do título (*Sendbrieff von + Dolmetßschen*) e a segundo questões teológicas (*Sendbrieff von + Fürbit der heiligenn*).



3.2.2 Prefácio

Como foi apresentado anteriormente, a carta foi primeiramente publicada com o título *Ein Sendbrieff D. // M. Luthers. // Von Dolmetßschen // vnd Fürbit der // heiligenn*, cujo provável editor, Georg Rottmaier, e não Johann Stücks como está na WA30,627 [Lut83, 478]- ou mesmo Johann Petreius, como está na introdução da versão brasileira da carta

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

em [Lut03, 206] - a publicou em 15 de setembro, em Nürnberg, adicionando um curto prefácio feito por Wenzeslau Linck:

Gottes gnad vnd barmhertzigkeit. Der weise Salomon spricht Prou. 11. Wer korn inhelt / dem fluchen die leute. Aber seg(en) kompt vber den / so es verkaufft. Welcher spruch eigentlich zu vorstehen ist von allem das zu meinem nuse odder tro(e)ste der Christenheit dienen kan. Darumb schilt auch der Herr im Euangelio den vntreuen knecht einen faulen schalk / das er sein gelt in die erden vergraben vnd verborgen hatte. Solchen fluch des herren vnd der ganzen gemein zu vermeiden / hab ich diesen sendbrieff / der mir durch einen guten freundt zu handen kommen / nit wissen zu verhalten / sonder offentlich in druck geben / Dann die weil der verdolmetschungen halben / altes vnnd neues testaments / vil rede sich zutragen / Nemlich die feinde der warheit furgeben / sam were der text an vilen orten geendert / odder auch verfalschet / da durch viel einfeltige Christen / auch vntern gelerten / so der Hebreischen vnnd Grefischen sprache nit kundig / entzungen odder schew gewinnen / Ist gu(e)ttlich zu verhoffen das auff minste zum teil hie mit den gottlosen / ihr letern vorhindert / vnnd den frommen ihr scrupel benommen sollen werden / Willeicht auch verursacht / das ettwas mehrer auff solche fragstuck odder materi / geschriben werde / Bitt der halben einen ieden liebhaber der warheit / wo(e)lle ihm sollich werck im besten lassen entfolhen sein / vnd Gott treulich bitten vmb rechten vorstandt der Go(e)ttlichen schrift zu besserung vnnd meherung gmeiner Christenheit. Amem. Zu Nu(e)rnberg am 15. Septembriß. Anno 1530.

Martinho Lutero [Lut83, 480]

Graça e misericórdia de Deus. O sábio Salomão diz em Pv11[.26]: “Quem retém o grão, é amaldiçoado pelos outros. Mas a bênção sobrevém àquele que o vende”. Esse dito, na verdade, deve ser entendido como se referindo a tudo que possa servir ao bem comum ou ao conforto da cristandade. Por isso, no Evangelho, o Senhor também chama o servo infiel de malandro preguiçoso, por ter enterrado e escondido seu dinheiro. Querendo evitar essa maldição do Senhor e de toda a comunidade, eu não sabia como reter esta carta que chegou às minhas mãos por intermédio de um bom amigo, e mandei imprimi-la para publicação. Acontece que houve muito falatório por causa das traduções do Antigo e Novo Testamento, ou seja, os inimigos da verdade alegam que o texto estaria alterado, ou mesmo, adulterado em muitas passagens, causando estranheza ou reserva em muitos cristãos simples, mesmo entre eruditos que não dominam as línguas hebraica e grega. Esperamos que assim, pelo menos em parte, se coíba a difamação pelos ímpios, e que os devotos percam seus escrúpulos, levando, inclusive, a que, talvez, se escreva algo mais sobre essas questões. Por isso, gostaria de recomendar essa obra encarecidamente a todo amante da verdade, confiantemente, pedindo a Deus que a Escritura Divina seja bem compreendida, para promoção e fomento da cristandade em geral. Amém. Nürnberg, 15 de setembro de 1530.

Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 206]

Wenzeslau valeu-se de exemplos para corroborar sua ação de mandar imprimir a carta que “recebera de um amigo”. Seguindo o dito de Salomão, “Quem retém o grão, é amaldiçoado pelos outros”, ele justificou que mandou imprimir a carta de Lutero justamente para não retê-la e assim colaborar para a promoção e fomento da cristandade em geral.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Nesse sentido, Wenzeslau visa atingir o “falatório” sobre a tradução do Velho e Novo Testamento de Lutero feito pelos inimigos da verdade, como João Eck⁷, que criticou as traduções bíblicas de Lutero, por ocasião da Dieta de Augsburgo, que ainda estava aberta na ocasião da escritura do prefácio por Linck. Nesse “falatório” alega-se que houve adulteração do conteúdo traduzido, causando estranheza até mesmo aos eruditos.

Com o prefácio, Wenzeslau antecipa o tema e o enfoque dado por Lutero na carta, pré-qualificando-a como possuindo caráter mais lingüístico do que teológico, no sentido de que Lutero esclareceria aos cristãos probos o porquê das “alterações”⁸ feitas no decorrer de sua tradução bíblica .

3.2.3 Corpo da carta

Para se obter uma visão mais completa, o conteúdo linear da carta será apresentado aqui no formato de um quadro descritivo, que se utiliza da versão da carta publicada no Brasil, em abril de 2003, e que servirá de apoio às explanações presentes nas próximas seções. Neste quadro, os parágrafos serão nomeados, brevemente descritos, com o auxílio de exemplos, e divididos conforme a função assumida (introdução de Wenzeslau, dedicatória inicial, abertura da carta, discussão da primeira questão, da segunda e dedicatória final).

São no total 35 parágrafos que discutem as duas questões envolvidas: o acréscimo da palavra *sola* na versão alemã de Lutero e seu julgamento sobre a intercessão dos santos. Em adição, aparecem o parágrafo do prefácio de Wenzeslau (que já foi apresentado na íntegra na seção anterior), os apontamentos sobre o destinatário e a dedicatória final que não entram na contagem acima.

A seguir, o quadro:

⁷“Quando da chegada da delegação da Saxônia eleitora em Augsburgo, Melanchthon foi confrontado com uma lista elaborada por João Eck, que continha 404 afirmações heréticas dos ‘luteranos’. Diante disso Melanchthon viu-se forçado a reunir os *Artigos de Schwabach* e os *Artigos de Torgau* em um único documento, do qual surgiu a *Confissão de Augsburgo*, documento básico para a teologia luterana” [Dre96, 37].

⁸No último capítulo deste trabalho, estas “alterações” virão a ser chamadas de “adequações”, por conta da análise lingüística da carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, feita a partir de fragmentos da teoria catfordiana de 1969.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Parágrafos	Descrição	Exemplos
-	Introdução à carta (acréscimo de Wenzeslau)	-
-	Apontamento do destinatário	<i>Sr. N.</i>
1	Abertura da carta / breve pontuamento das 2 questões a serem discutidas na carta	<i>Recebi vossa carta com as duas questões ou perguntas em que pedis meu posicionamento; Acréscimo de sola e intercessão dos santos</i>
2	Início do discurso contra os papistas/ usa tom arrogante	<i>Nenhum deles sabe direito como traduzir ou falar alemão</i>
3	Admite ter traduzido segundo sua consciência / usa tom de desprezo	<i>Eles têm orelhas muito compridas</i>
4	Faz comparação dos seus percalços com os de São Jerônimo, que também fora tradutor bíblico (séc. 5 d.C.)	<i>Todo mundo era seu mestre, só ele que não sabia</i>
5 e 6	Faz comentários sobre o plágio da sua tradução / vingança	<i>O picareta de Dresden que se pôs como mestre do meu NT</i>
7	Faz uso de arrogância e sarcasmo	<i>Dr. Martinho Lutero o quer assim e afirma que papista e burro são a mesma coisa</i>
8	Faz uso de expressão idiomática/ gabação e insignificância	<i>Gastar a sola do sapato</i>
9	Usa de tom de desprezo / nomeia dois papistas ditos “malandros” e “descarados”	<i>Dr. Ferreriro e Dr. Ranhudo</i>
10	Nesse ponto Lutero inicia, efetivamente, sua argumentação sobre o uso do termo <i>sola</i> / faz uso de metáforas, lamentação e comparação	<i>Na tradução, eu procurei reproduzir um sentido puro e claro</i>
11, 12 e 13	Argumentação / uso de metáforas / dá exemplos de adequação	<i>Da abundância do coração fala a boca</i>
14	Refere-se à adequação de frases/ desafio	<i>Por que aconteceu essa perda do unguento?</i>
15	Justifica sua tradução como adequada ao pensamento original	<i>Com o exemplo da saudação do anjo à Maria</i>
16	Denota indiferença em relação à “fúria” dos papistas / comenta do termo <i>lieb</i> frente a outras línguas	<i>Que se enfureçam e esperneiem [...] mas vou traduzir não como eles querem, e sim como eu quero</i>

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Parágrafos	Descrição	Exemplos
17	Oferece mais exemplos sobre o processo de tradução	<i>Tenho que abrir mãos das letras e pesquisar como é que o alemão diz aquilo que o hebreu diz</i>
18	Se justifica dizendo que tem experiência na área de tradução	<i>A arte e o trabalho que representa traduzir, eu experimentei muito bem, por isso não tolero que nenhum burro de papa nem mula alguma, que nada tentaram, sejam críticos nisso</i>
19	Declara que não buscou fama / dedica sua obra a Deus e faz comentários sobre calúnia	<i>Sua calúnia é a minha maior glória e reputação</i>
20	Fala novamente sobre a arte de se traduzir / assume que às vezes teve que traduzir menos livremente do que queria / comenta que teve “auxiliares”. Cita trabalhos parecidos com o seu	<i>Mas preferi comprometer a língua alemã a desistir do termo</i>
21 e 22	Volta a justificar o acréscimo de “solum”/ faz menção à fé em Cristo, que seria o principal tópico da doutrina cristã	<i>Não apenas segui a características das línguas e confie nelas [...] e sim, o texto e a intenção de S. Paulo</i>
23, 24, 25 e 26	Tudo se justifica pela fé / referência à inquisição / referência a Ambrósio e Agostinho, que antes dele já diziam que somente a fé justifica	<i>Somente a fé apreende a morte e ressurreição de Cristo</i>
27 e 28	Inicia formalmente a argumentação da segunda pergunta / questiona o lugar dos santos	<i>A adoração aos santos é mera palhaçada humana</i>
29 e 30	Cristo x santos / mais uma menção à inquisição	<i>Pintar o diabo na porta</i>
31	Faz distinção entre catolicismo e protestantismo	<i>Há segurança aqui deste lado, e ali grande risco</i>
32, 33 e 34	Sobre cristandade	<i>A questão aqui é o que é ou não é a palavra de Deus</i>
35	Finalização	<i>Cristo nosso Senhor esteja com todos nós. Amém. / Data (do ermo), 8 de setembro de 1530</i>
-	Volta a dedicar a carta ao senhor N.	<i>Ao honorável e ilustre N., meu benévolo senhor e amigo</i>

Tabela 3.1: Quadro descritivo da carta (versão brasileira).

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Com uma linguagem livre, mas sempre atrelada à arte da retórica, Lutero se expressa nessa carta como que para um amigo íntimo, iniciando-a de forma curiosa, dirigindo-se ao senhor *N.*, sujeito bastante misterioso, que ainda incita reflexões. Segundo Hans-Ulrich Delius [Lut83, 477], o senhor *N.* poderia ter sido o *Nürnbergischer Ratschreiber* (Escrivão de Nürnberg), Lazarus Spengler, assumindo o papel de questionador e/ou o destinatário da carta. Também pode ter sido o Príncipe da Saxônia, que teria escrito uma carta a Lutero, em 22 de agosto de 1530, pedindo seu posicionamento sobre os últimos acontecimentos ligados à Dieta de Augsburgo.

A seguir, a dedicatória inicial:

*Dem ehrbaren und umsichtigen N., meinem geneigten Herrn und Freunde.*⁹

Na seqüência, faz referência a sua formação cristã, presente em quase todos os seus escritos, em conjunto com mais uma menção ao destinatário da carta:

*Gnad und Friede in Christo. Ehrbarer, umsichtiger, lieber Herr und Freund!*¹⁰

Embora Lutero inicie sua carta com um certo tom de formalidade, assim que ele começa a falar do conteúdo desta, o discurso é modificado: é extremamente pontual e arrogante, no sentido de não pôr em dúvida sua desaprovação às críticas, oriundas do papado, com referência à tradução do Novo Testamento.

Logo na terceira linha, depois de ter passado pela formalidade de abertura da carta, ele identifica o conteúdo desta, fazendo um resumo das questões a serem tratadas: acréscimo da palavra *sola* na sua tradução e a intercessão dos santos.

Com a afirmação *ich hab ewer schriftt entfangen mit den zwo questionen odder fragen, darin yhr mines berichts begert*¹¹ [Lut09, 632] fica claro, num primeiro momento,

⁹Ao honorável e ilustre N., meu benévolo senhor e amigo (Tradução de Walter Schlupp).

¹⁰Graça e paz em Cristo, honorável, sábio e estimado senhor e amigo (Tradução de Walter Schlupp).

¹¹Recebi vossa carta com as duas questões ou perguntas em que pedis meu posicionamento [Lut03, 207]

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

que existiu uma carta anterior que deu origem à carta-resposta de Lutero. Hermann e Brenner [Lut09, 627], questionam no entanto a existência de tal carta. Para eles, esse início poderia ser apenas um recurso estilístico, afinal, a *de justificationis loco*, já havia sido planejada em 24 de agosto daquele ano.

Delius também acredita que a primeira questão, que trata da tradução em Rom 3.28, esteja relacionada ao relatório que Lutero recebera de Melanchthon, em 22 de agosto, sobre a Dieta de Augsburg, onde a introdução da palavra *sola* é discutida e ridicularizada por João Eck. Neste mesmo dia, Lutero recebera, através do porteiro da Fortaleza, Arnold von Falkenstein, uma carta¹² do Príncipe da Saxônia, que relataria brevemente algumas negociações do Parlamento [Lut83]. Juntamente com o relatório, o Príncipe pedira a Lutero sua opinião sobre alguns pontos previamente definidos por ele.

Infelizmente, pela indisponibilidade de obras mais específicas, não se teve acesso ao conteúdo da carta que o Príncipe enviou para Lutero no dia 22 de agosto. Com base no conteúdo desta e no momento de seu envio, tem-se a impressão que o posicionamento exigido por ele estivesse ligado às duas questões comentadas na carta-resposta *Sendbrief*, o que significaria que ele seria o destinatário da carta.

Como esse argumento não pôde ser comprovado, só se pode afirmar que a carta *Sendbrief vom Dolmetschen* é o resultado do que vinha acontecendo naquele momento. O relatório de Melanchthon e o relatório do Príncipe da Saxônia, juntamente com o plágio feito por Jerônimo Emser, tiveram, com certeza, papel fundamental. Talvez eles, em conjunto, tenham formado a carta que Lutero comenta ter recebido pedindo seu posicionamento.

3.2.3.1 Levantamento vocabular

A fim de “testar” a função lingüístico-tradutológica do conteúdo da carta, exposto no quadro apresentado anteriormente e indiretamente mencionado por Wenzeslau no seu prefácio, optou-se por o primeiro passo ser de caráter investigativo. Ou seja, averiguar o em-

¹²Carta esta só reencontrada em 1962 [Lut83, 477].

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

prego de palavras que referenciassem diretamente o mundo tradutológico. Sendo assim, partiu-se à procura da frequência do aparecimento da palavra *tradução* e suas derivações.

Pôde-se, com isso, retirar do texto da WA30 vários exemplos, que se dispõem claramente somente na primeira parte da carta (relacionados à primeira pergunta). Nessa parte há 38 entradas referentes às palavras *tradução/tradutor/traduzir/traduzido*, sendo que mais de 80% delas se concentram nas duas primeiras páginas.

Esse aglomerado de vocábulos, mesmo se apresentando somente nas primeiras páginas, mostra a intenção de Lutero de realmente apresentar uma carta com caráter tradutológico e não apenas teológico.

A seguir, uma lista (por ordem de aparição) das onze diferentes formas ortográficas ligadas ao vocábulo *tradução* encontradas entre as páginas 633 e 639:

1 verteutschen (633)

2 dolmetschen (633)

3 Dolmetschung (633)

4 verdolmetschen (633)

5 dolmetscher (633)

6 verdeutschen (633)

7 dolmeßschen (634)

8 dolmeßscher (634)

9 vordeutsch (638)

10 gedolmeßscht (639)

11 dolmesßchenn (639)

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Essa diversidade de formas de representação é um indício claro da desorganização lingüística daquela época, em que várias versões do mesmo vocábulo eram usadas para demarcar o mesmo sentido de uma determinada palavra no texto. Os verbos *dolmetschen* (com sentido atual de *übersetzen*, traduzir) e *verdeutschen*, por exemplo, aparecem, no mínimo, de três maneiras diferentes no decorrer da primeira parte da carta.

No caso de *dolmetschen*, encontrou-se: *dolmetschen*, *dolmeßschen*, *gedolmeßscht* e *dolmesßchenn*. A primeira diferença está no uso alterado das letras <ts> e <ßs> e no uso duplo da letra <n>.

Já no exemplo da palavra *gedolmeßscht*, há uma possível mudança de direção, que gera dupla interpretação. Considerando-se a palavra de maneira isolada, tem-se a impressão de se tratar da demarcação da forma atual do particípio passado, com a inclusão do prefixo <ge> à forma infinitiva do verbo. Mas não se trata somente disso, na página 640 da WA30 há referência do uso de *gedolmeßsch* como verbo no presente: [...] *wenn ich tausent mal so vil und fleissig gedolmeßscht* [...].

Dolmetschung, *dolmetschen*, *verdolmetschen* (633), *dolmeßschen* (634) e *dolmeßschenn* (639) são substantivos sinônimos.

No caso do vocábulo *verdeutschen*, encontrou-se: *verteutschen*, *verdeutschen*, *vordeutschen*¹³ que demarcam a indefinição do emprego do <d> ou <t>, no início de certos radicais. Essa indefinição é considerada característica da época (*Frühneuhochdeutsch* ou início do novo-alto-alemão), em que o <d> começa a substituir o <t> do *Mittelhochdeutsch* (médio-alto-alemão). A tabela 3.2, a seguir, apresenta as diferentes formas ligadas ao vocábulo *tradução* (*tradução/tradutor/traduzir/traduzido*) utilizadas na carta.

Também o uso de maiúscula e minúscula no início de um nome próprio, como por exemplo *Alemão* (para fazer referência ao povo alemão e à língua alemã) era incerto. A seguir, alguns exemplos:

¹³Essa forma diferenciada aqui com a letra <o> no lugar de <e> remete atualmente a um adjetivo, com significado de “pré-alemão”.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Verbo	Substantivo comum	Substantivo próprio
<i>verteutschen</i>	<i>dolmetschen</i>	<i>dolmetscher</i>
<i>dolmetschen</i>	<i>dolmetschung</i>	<i>dolmeßscher</i>
<i>verdolmetschen</i>	<i>Dolmetschung</i>	
<i>verdeutschen</i>	<i>verdolmetschen</i>	
<i>dolmeßschen</i>	<i>dolmeßschen</i>	
<i>verdeutschen</i>	<i>dolmeßschenn</i>	
<i>vordeutschen</i>		
<i>verdeutschen</i>		
<i>gedolmeßschen</i>		
<i>dolmeßschenn</i>		

Tabela 3.2: Separação das diferentes formas de aparição do vocábulo *tradução*.

1 teutsch (633)

2 deutsch (634)

3 Deutsche (637)

4 Deutsch (637)

5 deutscher (637)

6 Deutscher (637)

A variação de uso entre *deutscher* e *Deutscher*, apresentados acima, demonstra a demarcação de uma standardização em movimento: a concretização da letra maiúscula no início de um substantivo. Na versão da WA30 pode-se observar esse fenômeno na página 639. Num único parágrafo, Lutero usa as mesmas palavras de maneira diferenciada: [...] *wie der Deutsche man solchs redet, welchs der Ebreiche man isch hamudoth redet, So finde ich, das der deutsche man also spricht, [...]*¹⁴.

¹⁴[...] como é que o alemão diz aquilo que o hebreu diz com *isch hamudoth*. Constato, então, que o alemão fala assim: [...] [Lut03, 213].

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

É de se notar, também, que a palavra *teutsch* só é apresentada com letras minúsculas. Não se encontrou no texto a versão *Teutsch*. Talvez pelo fato do <t> inicial da palavra *teutsch* não ter mais forças para adaptar-se às mudanças lingüísticas em andamento (como a troca de minúscula por maiúscula no início de um substantivo). Essa letra <t> remota à primeira aparição da palavra latina *theodiscus*¹⁵, no século 8, para designar a língua que o povo falava no reinado (germânico). Latim era a outra língua, a da monarquia, da burguesia e dos religiosos.

3.2.3.2 Levantamento estilístico

Esta parte discutirá alguns recursos estilísticos usados por Lutero que marcam a carta como um meio oral de expressão, em que o escritor exhibe sua performance de orador e crítico.

Para iniciar, portanto, esse levantamento foram relacionados seis exemplos de expressões metafóricas e idiomáticas presentes no texto da carta, que muito representam o estilo de Lutero. Eles foram retirados da edição de Weimar (*Weimarer Ausgabe*), de 1909, que se aproxima de forma mais fiel ao texto de Lutero, seguindo a mesma linha de exemplos citados anteriormente. A versão brasileira, com a tradução de Walter Schlupp, também será incluída.

A seguir, os exemplos por ordem de aparição:

1 [...] denn sie haben noch zur zeit *zu lange ohren dazu, und yhr ycka ycka ist zu schwach*, mein verdolmeschen zu urteilen. (WA30:633)

[...] ainda têm [os Papistas] *orelhas muito compridas para tal e o zurro ainda é muito fraco* para julgar minha tradução. (Schlupp:208)

2 Es heist: *Wer am wege bawet, der hat viel meister*. (WA30:633)

¹⁵No século 9, *theodiscus* foi substituída pela palavra *teutonicus* ou *teutoni*. Finalmente, no século 11, a palavra *diutisc* (pertencente à era do *Althochdeutsch*, Velho-alto-alemão) representava não somente a língua, como o povo e o seu território (*Diutschin sprechîn, Diutschin liute in Diutischemi lande* - Língua alemã, povo alemão, território alemão) [eBM98, 7]. Mais tarde, no período do *Mittelhochdeutsch* (Médio-alto-alemão), foi substituída por *diut(i)sch* ou *tiu(t)sch* [Dud01, 371].

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

Diz-se que *quem constrói à beira do caminho tem muitos mestres*. (Schlupp:208)

- 3 [...] denn die welt wil *meister klu(e)glin bleiben, und mus ymer das Ros unter dem schwantz zeumen*. (WA30:634)

[...] pois o mundo quer ficar *bancando o sabichão e sempre quer encilhar o cavalo pelo rabo*. (Schlupp:208)

- 4 [...] und lere mich, was ich vor zwentzig jaren *an den schuhen zu rissen habe*, das ich auch mit jhener metzen auff all yhr plerren und schreien singen mus. Ich habs fur siben jaren gewist, das *hu(o)ffnegel eysen sind*. (WA30:635)

[...] e ficam me ensinando coisas nas quais vinte anos atrás *já gastei a sola dos sapatos*, de modo que, ante a gritaria deles, eu tenho que cantar com aquela moça: sete anos atrás eu já sabia que *cravos de ferradura são de ferro*. (Schlupp:210)

- 5 *Es ist gut pflugen, wenn der acker gereinigt ist. Aber den wald und die sto(e)cke aus rotten und de(n) acker zu richten, da will niemandt an*. (WA30:636)

Arar é fácil, quando o campo está limpo. Mas arrancar a floresta e os tocos e preparar o campo, isso ninguém quer fazer. (Schlupp:211)

- 6 [...] das yn aller welt ymer ein gros heimlich mummeln und klagen gewest ist widder die geistlichen, [...] Unnd die Bastesel haben auch solchem mummeln mit *fewr vnd schwerd* trefflich widerstanden biss auff dise zeit daher. (WA30:645)

[...] que em todo o mundo sempre houve resmungo e queixa em segredo contra o clero, [...] sendo que os burros do papa até hoje resistiram veementemente contra este resmungo, *a ferro e fogo*. (Schlupp:220)

Os exemplos acima demonstram um desdobramento estilístico que contribui na delineação de um texto com características orais, com foco no discurso tradutológico e teológico. Um texto ousado em si. Parece se tratar de uma coleção de tropos que demarcam uma situação de fala e não de escrita, que são oriundos do lado orador de Lutero.

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

No primeiro exemplo, a metáfora oral *zu lange ohren dazu, und yhr ycka ycka ist zu schwach* remete à questão da “festa do asno” (que evocaria a fuga de Maria levando o menino Jesus para o Egito) associado à Igreja da Idade Média e início da Moderna. Segundo Bakhtin, o centro desta festa não é Maria nem Jesus, mas o asno que é o meio de transporte e seu “hinham” (ou *ycka ycka*, em alemão luterano). Em seu livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* [Bak99, 67], Bakhtin comenta que a “festa dos loucos”, manifestada também pela figura do asno “é uma das expressões mais claras e mais puras do riso festivo associado à Igreja na Idade Média [...]. Celebravam-se ‘missas do asno’. No fim da cerimônia, o padre, à guisa de benção, zurrava três vezes e os fiéis, em vez de responderem ‘amém’, zurravam outras três.”

Mesmo que no início do século XVI a “festa dos loucos” já estivesse em decadência, o monge e pregador contemporâneo de Lutero, Johannes Pauli, compôs em 1522, como consta na *Cultura Popular*, a melhor antologia de facéias alemãs. *Riso e Seriedade* (*Schimpf un Ernst*) foi uma tentativa de justificar o riso em torno da Igreja e da *parodia sacra* (paródia de textos e ritos sagrados) [Bak99, 66-67].

Nas reflexões de Bakhtin, [...] *a bufonaria e a tolice, isto é, o riso, são qualificados de “segunda natureza do homem” e opostos à seriedade sem falha do culto e da concepção cristã do mundo*. Pegando o gancho da não seriedade que se finaliza esta questão. Considerando o tom metafórico e jocoso do discurso de Lutero na sua carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, tem-se a impressão que ele, ao usar a figura do asno (*Esel*) remetendo a do papista, deixa claro que eles não são sérios, nem competentes, no que diz respeito aos assuntos comentados na carta.

No exemplo 2, com o emprego da expressão idiomática *Wer am wege bawet, der hat viel meister*, Lutero demonstra saber que sua obra é de caráter aberto, estando, portanto, a mercê do julgamento alheio (principalmente dos Papistas). Nessa passagem ele comenta que São Jerônimo, tradutor bíblico do século V d.C., também teria sofrido com as “interferências externas”. A seguir o trecho em que Lutero faz menção a S. Jerônimo,

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

contendo mais três expressões idiomáticas:

Isso aconteceu também com S. Jerônimo ao traduzir a Bíblia: todo mundo era seu mestre, só ele é que não sabia; e julgavam a obra do bom homem aqueles que não mereciam nem limpar os seus sapatos. Por isso é preciso ter muita paciência quando alguém quiser fazer coisa boa de público, pois o mundo quer ficar bancando o sabichão e sempre quer encilhar o cavalo pelo rabo, mandando em tudo, sem saber fazê-lo, assim é e sempre será o mundo. ([Lut03, 208])

As expressões *encilhar o cavalo pelo rabo* e *cravos de ferradura são de ferro* são elementos do cotidiano, denotando a importância do cavalo, meio de transporte mais comum da época.

Outro exemplo é a expressão *a ferro e fogo* (no original, *a ferro e espada*), que pode ser interpretado como uma referência à Santa Inquisição (antigo tribunal eclesiástico instituído com a finalidade de investigar e punir crimes contra a Igreja Católica) que volta a ser instituído no século 16. Em outras partes do texto, demonstradas no quadro anterior, ele também faz referência à Inquisição, como nas linhas *Mas o que é que estão se deba-tendo furiosos, caçando e queimando hereges, quando a questão está fundamentalmente clara [...]*, na proposição *Não é preciso pintar o diabo na porta, ele achará o caminho sozinho* e no trecho [...] *isso que vocês, mentirosamente, inventaram, impondo-o, à força, à cristandade amada, feitos malfeitores e traidores e, como arquissassinos, matando, por isso, muitos cristãos, [...]*. O uso de menção contra a Inquisição, parece ter sido uma maneira que Lutero achou de expressar sua aversão aos conceitos “frágeis” dos Papistas, que estão basicamente dispostos nos últimos parágrafos da carta.

Já o exemplo 5 *Arar é fácil, quando o campo está limpo. Mas arrancar a floresta e os tocos e preparar o campo, isso ninguém quer fazer* é uma espécie de desabafo, em que Lutero deixa claro que seu trabalho é inovador, rompendo com o pensamento retrógrado do Papado. Sua tradução seria, então, um trabalho lingüístico único, priorizando

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

o sentido original da mensagem bíblica.

Por fim, retomando a questão do uso do vocábulo *Esel* (asno), serão apresentados a seguir sete outros exemplos do seu uso:

1 Zum ersten, *Wenn ich D. Luther mich hette mu(e)gen des versehen, das die Papisten alle auff einen hauffen so geschickt weren, das sie ein Capitel yn der schrift ku(e)ndten recht vnd wol versteutschen, So wolt ich furwar mich der demut haben finden lassen und sie umb hilf und gebeten beystand gebeten, das Newe Testament zuuerteutschen. Aber die weil ich gewu(e)st, und noch vor augen sihe, das yhr keiner recht weisst, wie man dolmetschen odder teusch reden sol, hab ich sie und mich solcher mu(e)he vberhaben.* (WA30:633)

Em primeiro lugar, *se eu, Dr. Lutero, pudesse fazer com que todos os Papistas, em conjunto, tivessem condições de traduzir sequer um capítulo da Escritura para o alemão, garanto-vos que teria tido a humildade de lhes pedir ajuda na tradução do Novo Testamento para a nossa língua.* Mas como eu sabia e ainda percebo muito bem *que nenhum deles sabe direito como traduzir ou falar alemão, poupei a eles e a mim desse esforço.* (Schlupp)

2 Das merckt man aber wol, das sie *aus meinem dolmetschen und teusch lernen teutsch reden und schreiben,* und stelen mir also meine sprache, davon sie zuvor wenig gewist. (WA30:633)

Percebe-se, porém, muito bem, que, *com base na minha tradução e no meu alemão, eles estão aprendendo a falar e escrever o vernáculo,* roubando-me, portanto, a minha língua, a qual antes pouco conheciam. (Schlupp)

3 Es ist *mein testament und mein dolmetschung* und sol mein bleiben unnd sein. (WA30:633)

É *meu testamento e minha tradução* e assim continuará sendo. (Schlupp)

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

4 *Und wenn ich sie hette sollen fragen, wie man die esrten zwey wort Mattei 1. 'Liber Generationis' solte verdeutschen, so hette yhr keiner gewisst gack dazu zu sagen.* (WA30:633-634)

E se eu tivesse que lhes perguntar como traduzir para o alemão as primeiras duas palavras em Mateus 1[.1], Liber Generationis [Livro da origem], não saberiam dar um pio a respeito. (Schlupp)

5 Ich wolt noch gern den Papisten ansehen, der sich erfur thet, und etwa eine epistel S. Pauli oder einen Propheten verdeutsch [Bl. aij]et, So fern, das er des Lu(e)thers teusch und dolmetßchen nicht dazu gebracht, *da solt man sehen ein fein, scho(e)n, loblich deutsch odder dolmetßchen.* (WA30:634)

Eu ainda gostaria de ver o Papista que se destacasse, traduzindo, por exemplo, uma epístola de S. Paulo ou um profeta, sem usar o alemão e a tradução de Lutero, *ai sim, veríamos um alemão ou uma tradução linda, excelente, notável.* (Schlupp)

6 Und das ich wider zur sache kome, Wann ewr Papist sich vil unnu(e)ße machen wil mit dem wort 'Sola Allein' so sagt jm flugs also: *Doctor Martinus Luther wils also haben, unnd spricht, Papist und Esel sey ein ding.* (WA30:635)

Voltando ao assunto, quando o Papista quiser bancar o sabichão com o termo sola, "somente", diga-lhe logo o seguinte: *o Dr. Martinho Lutero o quer assim e afirma que Papista e burro são a mesma coisa.* (Schlupp)

7 *Unnd ist einer unter yn allen, der ein proemium odder Capittel ym Aristotele recht versteht, so wil ich mich lassen prellen.* (WA30:635)

E se entre todos eles houver um que entenda corretamente um prefácio ou capítulo em Aristóteles, então podem me enforçar. (Schlupp)

Os exemplos apresentados acima evidenciam o jogo retórico de Lutero, cujas regras os Papistas desconheciam. O item 1 *se eu, Dr. Lutero, pudesse fazer com que todos os Papistas, em conjunto, tivessem condições de traduzir sequer um capítulo da Escritura*

Capítulo 3: Sobre a Carta *Sendbrief vom Dolmetschen*

para o alemão, tanto quanto os demais, pode ser interpretado como uma queixa à falta de conhecimento retórico dos Papistas.

Aqui cabe mencionar que Lutero usava de seus conhecimentos de retórica para validar suas idéias. *Res et verba*, a palavra deve seguir o sentido, foi seu lema, advindo da regra “base” do *Trivium* (que compreendia o estudo da Gramática, da Retórica e da Dialética), no qual o *res* (sentido) tinha preferência sobre a *verba* (palavra). A expressão da época *Rem tene, verba sequetur* (atenha-se ao sentido, que as palavras o seguiram) é um bom exemplo do que se desejava.

Res para a retórica é um conhecimento básico das coisas sobre as quais se fala. Sendo assim, uma formação ampla era o primeiro pré-requisito para um bom orador (*Redner*). Esse “fato consumado”, como argumenta Birgit Stolt, proporcionava uma espécie de *Schulweisheit* (Sabedoria adquirida já na Escola) que Lutero defende com arrogância na sua carta *Sendbrief vom Dolmetschen* [Sto83].



Verdeutschen macht große Mühe,
denn bei der Verdeutschung der
Biblia haben wir viel *Si* müssen
brauchen. Es werden aber etliche
sein, die es werden besser wissen
wollen denn wir, aber nicht besser
können. Sie werden mich bei
einem Wörtlein rupfen, wo ich sie
bei hundert Wörtern wollt
widerlegen, wenn sie verdeutschten.

Martinus Luthers

Capítulo 4

Lutero e a teoria lingüística de Catford

Esta seção foi desenvolvida com o apoio do termo *equivalência* da teoria de John Cunnison Catford, retirado da obra *A linguistic theory of translation* [Cat65], a fim de se analisar as observações tradutológicas de Lutero, presentes na sua *Sendbrief* de 1530, sob uma perspectiva lingüisticamente mais técnica, no sentido de extrair seu posicionamento como tradutor.

Dessa intersecção entre Catford e Lutero sobre *equivalência* gerou-se denominação como *tradução complexa*, descritas no decorrer desta seção.

4.1 Lutero e o termo *equivalência*

Catford define “tradução” com a seguinte proposição [Cat65, 20]:

“The replacement of textual material in one language (SL) by equivalent textual material in another language (TL).”

Em que SL significa língua fonte (*Source Language*) e TL significa língua meta (*Target Language*).

Na definição básica sobre o que seria “tradução”, Catford utiliza os termos-chave: *material textual*¹ e *equivalente* sendo que este último assume papel mais impor-

¹Ele prefere não usar a palavra *texto* e sim *material textual* pelo fato de que, em condições normais, não é a totalidade de um texto que se traduz e sim fragmentos, materiais textuais que nem sempre têm substituição em todos os níveis de uma língua.

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

tante na análise aqui proposta, visto que um dos problemas centrais da tradução luterana foi a escolha dos equivalentes adequados na língua meta.

Generalizando as condições de equivalência de tradução, Catford [Cat65, 65] define o seguinte:

“Translation equivalence occurs when an SL and a TL text or item are relate-
ble to (at least some of) the same features of substances”

Ou seja, ocorre equivalência de tradução quando itens da língua fonte (LF) e da língua meta (LM) podem relacionar-se com os mesmos traços de substância, cujo tipo depende do escopo da tradução. Com base nessa informação, ele explica que uma *tradução total* teria como escopo uma substância-situação, a fonológica uma substância-fônica e a grafológica uma substância-gráfica.

Considerando a visão catfordiana sobre *tradução total* e objetivando escolher os equivalentes da LM, não com o mesmo significado dos itens da língua fonte, mas com a maior “imbricação” possível na faixa de situação², que o exemplo da discutida tradução da saudação do anjo a Maria (Lucas 1.28) se encaixa. Neste exemplo, que será melhor exemplificado *a posteriori*, Lutero entende não se poder dizer *voll Gnaden* (*cheia de graça*), como na língua fonte, pois o alemão, falante da língua meta, vai pensar em *an ein Fass voll Bier* ou num *Beutel voll Geldes* (*num barril cheio de cerveja, ou num saco cheio de dinheiro*)³ e nunca numa pessoa *voll Gnaden*. Mesmo admitindo não ter encontrado a melhor palavra para a definição hebraica do termo, ele o traduziu como *holdselige* (*graciosa*), achando ser a tradução que melhor expressa o pensamento original.

A noção de *equivalência*, portanto, assume um papel de destaque nos trabalhos tradutológicos de Lutero, justamente por ele desejar tornar a Sagrada Escritura um texto alemão, com equivalentes que estivessem diretamente ligados ao sentido original das palavras, colaborando com seu pensamento hermenêutico de traduzir.

²Constituída de traços de situação (verbo, pessoa, advérbio, etc.). Catford defende que quanto maior o número de traços de situação, melhor a tradução fica.

³Tradução de Walter Schlupp.

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

Para tanto, Lutero usou como base para a tradução do seu Novo Testamento a versão original grega [...] *Novum Testamentum omne, multo quam ante hac diligentius ab Erasmo Roterodamo recognitum, [...]*, que foi publicada em 1519, em Basel (segunda edição). Também fez uso da versão latina que encontrava-se em anexo a esta obra, juntamente com as observações críticas ao texto (*Annotationes*), e da Vulgata de São Jerônimo, que muito havia estudado.

Para fechar o triângulo lingüístico, Lutero utilizou-se da língua hebraica, com a qual haveria intensivamente se ocupado desde 1516, contando também com a ajuda do hebraísta de Wittenberg Matthäus Aurogallus. Sendo assim, pode-se considerar que Lutero tenha trabalhado com três línguas fonte (hebraico, grego e latim) na procura do sentido original a ser expressado na língua meta (o alemão).

Birgit Stolt comenta que “*Anfangs ist seine Abhängigkeit von der Vulgata noch stark spürbar, und zwar sowohl was das Alte als auch das Neue Testament betrifft. Im Laufe der Zeit tritt der Einfluß der Vulgata jedoch mehr und mehr zurück, je souveräner Luther im Umgang mit den griechischen und hebräischen Urtexten als auch in seiner Behandlung der deutschen Sprache wurde*”⁴.

Além dessas três línguas, por muito tempo se discutiu se Lutero havia ou não levado em consideração a língua alemã de alguma versão já existente da Bíblia. Considerando alguns apontamentos de Stolt ⁵, pode-se afirmar que ele não se apoiou em edições alemãs para fazer a sua tradução, até porque essas eram motivo de grandes críticas, por fazerem uso de uma linguagem que não se enquadrava nos moldes daquela idealizada por Lutero: adaptada à realidade lingüística do alemão (falado) da época e esteada no sentido do texto original. Na carta *Sendbrief vom Dolmetschen* ele chegou, no entanto, a fazer menção a uma tradução bíblica, a tradução “profética” de Worms, que, a seu ver, quase teria alcançado um bom alemão. Ludwig Härtzer e Hans Denck, seus autores, teriam usado

⁴No início, sua dependência pela Vulgata era grande, tanto na tradução do Novo como na do Velho Testamento. Com o passar do tempo, no entanto, a Vulgata foi perdendo espaço, na medida em que Lutero foi se tornando soberano tanto no manejo dos originais grego e hebraico quanto no domínio da língua alemã. [Sto83]

⁵Conferir em [Sto83].

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

a versão hebraica na sua tradução, o que Lutero prestigiou.

Retomando agora a idéia de substituição de material textual de uma língua fonte (LF) por material textual equivalente na língua meta (LM), e considerando o triângulo lingüístico utilizado, o trabalho de tradução bíblica de Lutero assume um formato mais complexo do que o de uma *tradução simples*.

Tradução simples, nesse contexto, seria a troca de material textual entre uma língua fonte e uma língua meta (que recebe um equivalente lingüístico direto no final da troca), que pode ser descrita da seguinte forma:

$$LF \xrightarrow{\text{equivalenciando}} LM$$

Figura 4.1: Tradução simples.

Na figura posterior, 4.2, a esquematização de uma *tradução simples* vem aplicada, demonstrando a troca de material lingüístico entre o alemão e o português, através de equivalentes diretos, não havendo a necessidade de uma elaboração mais refinada. Também nesse caso, a LF é apenas uma, o *Hochdeutsch*, gerando informações suficientes para a LM, que, por sua vez, está em condições de oferecer equivalentes adequados ao sentido proposto pela LF.

$$LF_{\text{Luther war ein großer Uebersetzer}} \xrightarrow{\text{equivalenciando}} LM_{\text{Lutero foi um grande tradutor}}$$

Figura 4.2: Tradução simples alemão/português.

No caso da tradução luterana, o material textual da língua fonte muitas vezes se multiplicou, pois Lutero não somente usou a língua latina como língua fonte, como a grega e a hebraica, enquadrando-se na característica humanista da valorização dos textos originais e polemizando as traduções bíblicas já feitas para o alemão, em que o equivalente final seria inadequado à realidade lingüística da língua alemã.

Sendo assim, a técnica usada por Lutero na tradução da Bíblia seria a de uma *tradução complexa*, em que, por exemplo, LF1 seria o hebraico, LF2 o grego e LF3 o

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

latim. Todas as LFs mandariam informações à LM, que seria o alemão da época (*Frühneuhochochdeutsch*), em formação. Nesse estágio, o equivalente da LM resultante seria incompleto, gerando uma língua falsa, não verdadeira, não correspondente à realidade lingüística existente⁶. O próximo passo seria então a remodelagem da LM, com a criação e adaptação de equivalentes apropriados.



Figura 4.3: Tradução complexa.

O equivalente nulo estaria ligado aos casos de falta de equivalentes textuais na língua alvo da época, já que a língua usada para assuntos religiosos sempre fora o latim, o grego ou em alguns casos o hebraico. Nas traduções bíblicas pré-Lutero o que foi feito foi uma adaptação “grotesca” da fase aqui descrita como *sem equivalente*, formando uma LM latinizada, o que tornava o produto final, a Bíblia, algo com pouca fluidez de sentido.

Lutero era contra tal descaso com sua língua, tão rica e bela. Ele tinha como meta traduzir os Escritos Sagrados de forma a presentear seus leitores com uma linguagem mais simplificada, mais adequada ao sentido original e mais “germanizada”. Para tanto, remodelou, recontextualizou e criou, quando necessário, novas palavras.

Nesse sentido, Lutero trabalhou com aquilo que Catford define como “variantes de língua em tradução”, em que uma *variante de língua* seria um subconjunto de traços formais e/ou substanciais que corresponde a um tipo particular de traço sócio-situacional [Cat80, 94].

Um dos pontos que demarcariam essa variação em Lutero é o fato dele ter que lidar com dialetos, “que são uma variante da língua marcada por traços formais e/ou substanciais, que podem relacionar-se com a proveniência de um performador ou grupo de performadores numa das três dimensões: espaço, tempo e classe” [Cat80].

⁶Em alguns casos, pode-se considerar que nessa fase o equivalente já se encontrava na língua falada, não existindo apenas na língua escrita já consagrada. A LM remodelada seria, então, nova apenas no meio erudito.

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

Levando em consideração a dimensão espacial, Lutero trabalhou com dialetos geográficos na LM, em que o *Kanzleisprache* assumiu papel de destaque. Mas mesmo assumindo uma direção clara, trabalhar com dialetos regionais pode sempre apresentar problemas de tradução, como no caso da escolha de palavras ligadas à linguagem bíblica⁷.

Para Catford, a escolha de um “tom” adequado na LM é muito importante. Se não houver registro equivalente na LM, pode acontecer que a tradução se torne impossível. Ele cita o caso de tradução de textos científicos para certas línguas que se tornaram recentemente línguas nacionais, como o hindi. Nesse caso, é necessário encontrar ou criar um registro equivalente para abarcar o conteúdo exposto na LF. Pode-se dizer que algo semelhante acontecia no caso da tradução bíblica de Lutero. A língua alemã não era necessariamente nova, mas sim fragmentada em diversos dialetos regionais, esteados na linguagem oral, cujo contexto bíblico escrito/erudito não possuía a maioria dos vocábulos que a LF exigia.

Nos exemplos encontrados na carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, pode-se constatar que Lutero conhecia muito bem esse *déficit* da língua alemã perante o original. E sendo assim, esforçou-se constantemente para oferecer o conteúdo mais equivalente possível à LM.

Ao falar da primeira questão da carta, Lutero afirma a necessidade do acréscimo da palavra *sola*. Para ele, essa introdução se faz necessária para dar clareza e contundência a sua tradução: [...] *so gehöret es hinein, denn ich habe deutsch, nicht lateinisch noch griechisch reden wollen, als ich deutsch zu reden beim Dolmetschen mir vorgenommen hatte*.⁸ Desta forma ele demonstra que é necessário adequar o texto de chegada para que o sentido do original permaneça.

⁷E. A. Nida, em seu livro *Bible Translating* de 1947, discute longamente os problemas que surgem na tradução da Bíblia para línguas pré-literárias, sendo uma fonte importante quando se deseja estudar mais amplamente questões da linguagem bíblica. [Nid47].

⁸[...] é preciso incluí-las, pois eu quis falar alemão, e não latim nem grego, uma vez que propusera traduzir alemão

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

Nas justificativas de adequação do termo *allein* (somente), Lutero argumenta que, mesmo que a língua latina ou grega não o faça, a alemã assim o faz, pois acrescentando o termo *somente* as palavras *não* ou *nenhum* ficam mais claras e completas. Assim, mesmo que se diga *o colono traz grão e nenhum dinheiro* a expressão *nenhum dinheiro* não soa tão completa e clara, quando se diz: *o colono traz somente grão, e nenhum dinheiro*. Segundo Lutero, o termo *somente* apóia o *nenhum*. E daí advém sua justificativa mais conhecida:

*[...] den man mus nicht die buchstaben inn der lateinischen sprachen fragen, wie man sol Deutsch reden, wie diese esel tun, sondern, man mus die mutter ihm hause, die kinder auff der gassen, den gemeinen mann auff dem marckt drumb fragen, und den selbigen auff das maul sehen, wie sie reden, und darnach dolmeßtschen, so verstehen sie es den und mercken, das man Deutsch mit jn redet.*⁹ [Lut09, 637].

Com esse argumento, Lutero deseja enfatizar que procurou reproduzir um sentido puro e claro nas suas traduções.



⁹[...] pois não se deve perguntar às letras na língua latina como se deve falar em alemão, como fazem esses burros, e sim, é preciso perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao popular na feira, ouvindo como falam, e traduzir do mesmo jeito, então vão entender e notarão que se está falando alemão com eles. (Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 211]).

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

Abaixo segue outra explicação de um caso de adaptação que exemplifica sua linha de raciocínio, que muito foi criticada pelos papistas:

Als wenn Christus spricht: Ex abundantia cordis os loquitur. Wenn ich den Eseln sol folgen, sie werden mir die buchstaben furlegen, und also dolmetzschē: Aus dem uberflus des herzens redet der mund. Sage mir, Ist das deutsch geredet? Welcher Deutscher versteht solchs? Was ist uberflus des herzen fur ein ding? Das kan kein deutscher sagen, Er wolt denn sagen, es sey das einer allzu ein gros herz habe oder zu vil herzes habe, wie wol das auch noch nicht recht ist: denn uberflus des herzen ist kein deutsch, so wenig, als das deutsch ist: Uberflus des hauses, uberflus des Kacheloffens, uberflus der bank, sondern also redet die mutter im haus und der gemeine man: Was das herz vil ist, des gehet der mund uber, es heist gut deutsch geredet, des ich mich beflissen, und leider nicht allwege erreicht noch troffen habe, Denn die lateinischen buchstaben hindern auf der massen, seer gut deutsch zu reden.

Martinho Lutero [Lut09, 637]

Ou quando Cristo diz: ex abundantia cordis os loquitur [a boca fala do que está cheio o coração - Mt 12.34; Lc 6.45]. Se eu for seguir esses burros, vão me apresentar as letras e traduzir assim: Da abundância do coração fala a boca. Diga-me: isto é falar a nossa língua? Que patrício vai entender isso? Abundância do coração, que é isso? Nenhum alemão fala desse jeito, a não ser que queira dizer que alguém tem coração grande demais ou tem coração demais, embora isso também ainda não esteja correto: pois abundância do coração não é jeito de falar a nossa língua, assim como também não é alemão dizer abundância da casa, abundância do forno, abundância de banco. Na verdade, a mãe em casa e a pessoa comum falam da seguinte maneira: o coração transborda pela boca, isso é que é falar a nossa língua. Nesse sentido, esforcei-me e, infelizmente, nem sempre consegui, pois as letras latinas atrapalham demais a formulação alemã perfeita.

Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 212]

Embora seja nos comentários dos *Summarien über die Psalmen* que Lutero é mais explícito com a questão da palavra seguir o sentido, também na carta *Sendbrief* seus argumentos seguem esta linha. Como a carta *Sendbrief* foi escrita cerca de um ano antes dos *Summarien*, é possível que a primeira tenha servido de esteio para a elaboração dos argumentos da segunda.

Lembrando do que foi dito na seção anterior sobre a influência do sentido *res* (conhecimento básico da retórica) nos argumentos de Lutero, uma formação ampla significava o primeiro pré-requisito para um bom orador (*Redner*). Para Lutero, significaria ainda, um profundo conhecimento na crença. Na sua carta ele comenta: *Ah es ist dolmetzchen ja nicht eines iglichen kunst [...], Es geho^eret dazu ein recht, frum, trew, vleissig,*

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

*forchtsam, Christlich, geletet, erfarn, geu^ebet hertz [...]*¹⁰.

Com o comentário acima, retirado de [Lut09, 640], Lutero afirma que somente com erudição, experiência, exercício, exatidão e bom entendimento que se tem condições de se entender e compreender de maneira correta o que *res* significa; somente com isso é possível se tornar um bom tradutor bíblico [Sto83, 244].

Considerando o pensamento retórico de Lutero, o exemplo exposto anteriormente é validado. *Überfluß des Herzens redet der Mund* foi substituído por *Wes das Herz voll ist, des gehet der Mund über*, em prol do entendimento “verdadeiro” do enunciado. Ao finalizar sua argumentação, Lutero comenta sobre a dificuldade que sentia de traduzir pelo sentido, visto que “as letras latinas atrapalham demais a formulação alemã perfeita”.

Nesse sentido, e voltando ao pensamento sobre tradução total, cujo objetivo é escolher os equivalentes da LM não com os mesmos significados da LF, mas com maior entrelaçamento possível na faixa de situação, que se discute a possibilidade de Lutero ter feito uso de *tradução complexa*.

Seguindo os exemplos nomeados por ele na sua carta, teríamos a seguinte rota demarcando os primeiros passos para uma *tradução complexa*:

$$LF_{\text{hebraico}} \longrightarrow LF_{\text{grego}} \longrightarrow LF_{\text{latim}} \implies \text{possível equivalente}$$

Figura 4.4: Rota de busca de referencial equivalente

Ou seja, com seu trabalho de busca do sentido dos originais (da mais antigo ao mais recente), Lutero passa pela versão hebraica, pela grega e chega na versão da Vulgata finalizando o processo de busca e reconhecimento de um referencial para um equivalente hermenêutico na sua língua alvo em transformação.

Sendo assim, sua orientação rumo a uma *tradução complexa* foi a visão de que a tradução resultante devesse atingir um alto grau de compreensão aos falantes e leitores da língua meta. Nesse sentido, o exemplo de tradução total mostrado no início dessa

¹⁰Ah, a tradução não é arte para qualquer um [...], para tal é preciso ter um coração forte, probo, fiel, dedicado, temente, cristão, estudado, experiente e treinado [...] [Lut03, 214].

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

seção, sobre a saudação do anjo a Maria, é também um exemplo de *tradução complexa*. Em que o resultado, o possível equivalente, foi substituído: *Gegrüßet seist du, Maria voll Gnaden, der Herr mit dir* (versão latinizada) para [...] **Holdselige** (versão luterana), depois da busca ao sentido original. Lutero justifica seu pensamento, fazendo apologia ao exemplo de Daniel (conferir em [Lut09, 639]). Sendo assim, poderíamos ter:

$$LF_{desideriorum} \longrightarrow LF_{kecharitomeni} \longrightarrow LF_{hamudoth} \implies holdselige$$

Figura 4.5: Rota de busca de referencial equivalente (aplicada)

Em que *desideriorum* representa o referencial latino, *kecharitomeni* o grego e *hamudoth* o hebraico. Partindo do significado dessas três línguas, que Lutero sugere o uso da palavra alemã *holdselige* para equivalenciar o termo exigido pelo original.

Nessa rota é preciso notar ainda que a língua hebraica assume maior importância, visto da argumentação usada por Lutero sobre como São Lucas teria se esmerado para reproduzir com clareza o termo hebraico usado pelo anjo com o grego *kecharitomeni*. Por isso ele argumenta que quando o anjo Gabriel falou com Maria quis falar como com Daniel, quando o chama de *hamudoth*, pensando em *Tu, querido Daniel (du lieber Daniel)* não, ao pé da letra, como *Daniel, tu homem dos desejos (du man der begirungen)* [Lut09, 639].

Exatamente nesse ponto que Lutero usa o termo *abrir mão das letras (die buchstaben fahren lassen)*¹¹, pois nesse caso, acreditava que para haver uma boa tradução seria necessário pesquisar como o alemão diria aquilo que o povo hebreu dizia com *isch hamudoth*. Nesse sentido que surge o *Tu, querida Maria (du liebe Maria)* ou *Tu, moça graciosa (du medliche jungfraw)*, chegando à expressão escolhida *Tu, Maria graciosa (du holdselige)*.

Da expressão escolhida, nesse caso a *Tu, Maria graciosa*, é que surge o resultado da *tradução complexa* citada anteriormente. E a tradução sugerida pelos tradutores

¹¹O exemplos em alemão aqui nomeados foram retirados sem alteração da versão da carta da WA30 de 1909.

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

bíblicos pré-Lutero e papistas, *Salve, Maria, cheia de graça* (*Gegrüßet seistu, Maria vol gnaden*), poderia então ser classificada como um exemplo de *tradução simples*, existindo apenas um referencial, apenas uma língua fonte (L1), a latina.

A seguir um trecho do texto em que Lutero explica sua ação tradutológica referente aos exemplos supra citados:

Item, da der Engel Mariam grüßet und spricht: Gegrüßet seistu, Maria vol Gnaden, der Herr mit dir. Wolan, so ist bis her, schlecht den lateinischen buchstaben nach verdeutschet, sage mir aber ob solchs auch gut deutsch sey? Wo redet der deutsch man also: du bist vol gnaden? Und welcher Deutscher verstehet, was gesagt sey, vol gnaden? Er mus denken an ein was vol hier, oder beutel vol geldes, darumb hab ichs vorddeutschet: Du holdselige, da mit doch Deutscher, bester meher hin zu kan denken, was der engel meinet mit seinem grus. Aber hie wollen die Papisten toll werden uber mich, das ich den Engelfischen grus verderbet habe. Wie wol ich dennoch da mit nicht das beste deutsch habe troffen. Und hette ich das beste deutsch hie sollen nemen, und den grus also verdeutschten: Gott grusse dich, du liebe Maria (denn so vil will der Engel sagen, und so wurde er geredt haben, wan er hette wollen sie deutsch grussen), ich halt, sie solten sich wol selbs erbedt haben fur grosser andacht, zu der lieben Maria, das ich den grus so nicht gemacht hette.

Martinho Lutero [Lut09, 638]

Da mesma forma, quando o anjo saúda Maria, dizendo: "Salve, Maria, cheia de graça, o Senhor seja contigo"[Lc 1.28]. Pois bem, assim é que se traduziu até agora, simplesmente seguindo a letra latina. Mas diga-me: isso é bom alemão? Quando é que o alemão fala assim: "estás cheia de graça"? Qual é o patricio que vai entender o que significa "cheia de graça"? Ele vai pensar num barril cheio de cerveja, ou num saco cheio de dinheiro; por isso eu traduzi: "graciosa"[holdselige], de modo que um alemão conseguirá associar melhor com o sentido pretendido pelo anjo em sua saudação. Mas aí os Papistas ficam doidos comigo, por ter adulterado a saudação angelical. Isso que ainda não consegui acertar a melhor formulação alemã. E se eu tivesse tomado a melhor formulação vernácula, traduzindo da seguinte maneira a saudação: "Deus te abençoe, querida Maria"[Gott grusse dich, liebe Maria] (pois isso é o que o anjo quer dizer, e assim teria falado, se quisesse saudar em nossa língua), acredito que eles se teriam arrancado os cabelos, devido à sua grande devoção para com a querida Maria, por eu ter arrasado de tal maneira a saudação.

Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 212]

Para se ter uma visão mais ampla, é válido ressaltar que, no campo da teoria de tradução da época, o problema central encontrava-se na fidelidade (*Treue*) perante o original (*Urtext*). Quão fiel pode-se ser e quão livre pode-se formular eram as perguntas mais frequentes. Principalmente em se tratando de traduções bíblicas, onde não se podia falsificar, introduzir ou ignorar nada. Nesse sentido, um tradutor fiel não deveria traduzir “palavra por palavra” (*von Wort zu Wort*), mas sim deveria ser guiado pelo “sentido” (*von*

Capítulo 4: Lutero e a teoria lingüística de Catford

Sinn zu Sinn) [Sto83].

Lutero, no entanto, em nenhum momento fez uso dos estereótipos da época. Ele agia de modo diferente e para cada caso achava sua posição. Para mencionar *wortgetreu* (ao pé da letra) e *frei übersetzen* (traduzir livremente) utilizava expressões como *nach den buchstaben behalten* [Lut09, 640] (reprodução literal)¹² e *die buchstaben fahren lassen* [Lut09, 639] (abrir mãos das letras)¹³.

Observando as justificativas de Lutero, é importante se pensar que ele, na verdade, não se guiava somente pelo modelo de tradução literal ou pelo livre. Pelo contrário, combinava ambos. Na sua carta *Sendbrief*, ele nomeia essas duas técnicas nas seguintes passagens: *wo etwa an einem ort gelegenn ist, hab ichs nach den buchstaben behalten, und bin nicht so frey davon gegangen [...]*¹⁴ e *Darumb mus ich hie die buchstaben fahren lassen, und forschen, wie der Deutsche man solchs redet [...]*¹⁵.

Esse olhar bi-lateral escolhido por Lutero é uma estratégia de tradução que está diretamente ligada ao seu objetivo final, que era apresentar um texto escrito que tivesse a mesma amplitude que um oral.

Confirmando esse pensamento, Birgit Stolt comenta que Lutero teria direcionado sua tradução *nicht als deutsch schreiben, sondern als **deutsch reden*** (não para o escrever alemão, mas sim para o **falar alemão**), por isso a menção de que se deve ouvir como as pessoas falam em casa, nas ruas, etc. para se saber o que é o alemão.

Elemento esse que para Burkhardt é considerado o segredo da linguagem bíblica de Lutero:

Das Geheimnis der Sprache der Lutherbibel ist, dass es sich in Wahrheit um eine gesprochene Sprache handelt. Es ist eine Sprache, die klingt, deren Schönheit nicht ins Auge springt, sondern ins Ohr geht [Bur02, 36].

¹²Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 214].

¹³Tradução de Walter Schlupp [Lut03, 213].

¹⁴cuidei meticulosamente que, por exemplo, a menção de uma palavra chave localidade tivesse reprodução literal, e não procedi com tanta liberalidade [...] [Lut03, 214].

¹⁵Por isso, tenho que abrir mão das letras e pesquisar como é que o alemão diz aquilo [...] [Lut03, 213].

Capítulo 5

Conclusão

É complicado concluir de onde veio especificamente a grande habilidade de Lutero em lidar com a língua e com a arte de traduzir. Como apresentado no decorrer do trabalho, seu estilo não segue nenhum sistema específico, mas sim une um número considerável de princípios diferentes. Princípio da unificação lingüística dos diversos socioletos existentes, apoiado na idéia renascentista de romper com a barreira entre língua vernácula (latim) e língua vulgar (alemão); princípio da equivalência na sua tradução bíblica (apresentar o sentido real do original, equivalenciando a partir dos originais hebraico e grego); e o princípio da reforma da fé, motivador da reforma lingüística.

Essa dissertação se propôs a servir como um agente apreciador e analisador desses princípios, focalizando sempre o lado tradutológico da obra de Lutero, exemplificado aqui através da carta *Sendbrief vom Dolmetschen*, que nos forneceu subsídios para “decodificar” algumas estratégias de tradução efetuadas por Lutero na sua polêmica trajetória como tradutor.

O modelo de *Tradução complexa*, explanado no último capítulo desta dissertação, pode ser visto como uma dessas estratégias tradutológicas de Lutero, advindo da interpretação da conceituação de Catford sobre *equivalência*. É, portanto, um conceito que tenta descrever o processo tradutológico e hermenêutico de Lutero, gerado a partir da idéia de que a substituição de material textual de uma língua fonte (LF) por material textual equivalente na língua meta (LM) não pode ser aplicada de forma direta em muitos

Capítulo 5: Conclusão

pontos das traduções bíblicas de Lutero.

Na busca do sentido dos originais, Lutero passa pela versão hebraica da Bíblia (L1), pela grega (L2) e chega na latina (L3) finalizando o processo de busca e reconhecimento de um referencial para um equivalente hermenêutico na sua língua alvo em transformação. Esse recurso foi denominado *Tradução complexa*.

Sendo assim, ao fazer uso da ênfase hermenêutica de traduzir pelo sentido, Lutero tenta livrar-se dos latinismos, grecismos e hebraísmos que se formaram no passado com as traduções literais. É o caso das traduções pré-Lutero que poderiam ser classificadas como *Traduções simples*, onde haveria somente uma língua fonte (L1), no caso, a latina.

Outra estratégia tradutológica, observada no decorrer deste trabalho, é o uso que Lutero faz de duas técnicas: a da tradução livre (“abrindo mão das letras”) e a da reprodução literal, nos casos em que não havia outra alternativa. Nesse sentido ele retoma a idéia de passar para o texto escrito as mesmas nuances da linguagem falada. Lutero entendia, pois, o Evangelho como uma mensagem oral mais do que um texto literário. Isso deveu-se, basicamente, por seu grande conhecimento retórico e por dominar um grande número de dialetos. Essa fluência lingüística foi de tal proporção, que Wolf sugere que o dialeto de Lutero seja definido como um *Alemão supra-regional do meio-leste da Alemanha, com influências do baixo-alemão, e aberto a outros regionalismos*.

Tal conhecimento pode ser observado em seus textos, nos quais a palavra popular ocupa lugar privilegiado. Esse comportamento gerou comentários como os de Schleiermacher e Warth: “Ele podia *sentir-se como o primeiro perito desta arte*¹, pois fazia os escritores bíblicos falar em alemão que o povo entendia” [Lut03, 203-204].

No entanto, as opiniões dos lingüistas sobre Lutero ser o “criador” ou “fundador” do alemão moderno são controversas. Concluiu-se na seção *O lugar da língua luterana na história da língua alemã moderna* que outras pesquisas são necessárias para

¹F. Schleiermacher, in: Franz Rosenzweig, *Die Schrift und Luther*, Berlin: Lambert Schneider, 1926.

Capítulo 5: Conclusão

que se tenha maior segurança sobre o assunto. Theodor Frings e Mirra M. Guchmann, autores da *Kleine Enzyklopädie: Die deutsche Sprache*, são representantes desta vertente de pesquisas, que ainda discutem o quão “criador” do alemão moderno foi Lutero.²

Observando todos os desdobramentos extraídos no decorrer deste trabalho, concluiu-se que a carta *Sendbrief vom Dolmetschen* é uma fonte rica em informações lingüístico-tradutológicas. É uma carta que discute abertamente questões polêmicas resultantes da tradução luterana do Novo Testamento, ligadas diretamente ao fortalecimento da língua alemã como língua escrita. É uma ponto de referência que demarca partes do processo, no qual a língua vulgar torna-se erudita, derrubando a invensibilidade lingüística da língua hegemônica da época, o latim.



²Conferir em [Wol83].

Bibliografia

- [Bak99] Mikhail Bakhtin. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rebelais*. Edunb-Hucitec, São Paulo-Brasília, 4. edição, 1999. Tradução de Yara Frateschi.
- [Bur02] Johannes Burkhardt. *Das Reformationsjahrhundert. Deutsche Geschichte zwischen Medien Revolution und Institutionenbildung 1517-1617*. S.e., Stuttgart, 2002.
- [Cat65] John Cunnison Catford. *A Linguistic Theory of Translation - An Essay in Applied Linguistics*. Oxford University Press, London, 1965.
- [Cat80] John Cunnison Catford. *Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada*. Cultrix e PUC Campinas, São Paulo e Campinas, 1980.
- [Dal80] Honório Dalbosco, editor. *Bíblia Sagrada*. Edições Paulinas, São Paulo, 8. edição, 1980. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares.
- [dH86] Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Editora Nova fronteira, 1986.
- [Dre96] Martin Dreher. A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma. In *Coleção História da Igreja*, volume 3. Editora Sinodal, São Leopoldo, 2. edição, 1996.
- [Dud01] Dudenredaktion, editor. *Deutsches Universalwörterbuch*, volume 4. Augsburg Verlagshaus, Mannheim, 2001.

BIBLIOGRAFIA

- [eBM98] Ursula Esser e Bettina Muesch. *Die deutsche Sprache - Entwicklungen und Tendenzen*. Max Hueber Verlag, München, 1998.
- [Fur02] Mauri Furlan. *La Retórica de la Traducción en el Renacimiento - elementos para la constitución de una teoría de la traducción renacentista*. Tese de Doutorado, Universidade de Barcelona, 2002. Tutor: Dr. Jaume Juan Castelló.
- [Kap96] Arno Kappler. *Perfil da Alemanha*. Societäts-Verlag, 1996. Frankfurt am Main.
- [Lut09] Martinho Lutero. Sendbrief vom Dolmetschen. In F. Herrmann e D. Brenner, editors, *D. Martin Luthers Werk*, volume 30, páginas 627–646. Hermann Böhlau Nachfolger, Weimar, 1909.
- [Lut83] Martin Luther. Sendbrief vom Dolmetschen. In Hans-Ulrich Delius, editor, *Martin Luther - Studienausgabe*, volume 3, páginas 477–496. Evangelische Verlagsanstalt, Berlim, 1983. In Zusammenarbeit mit Helmar Junghans, Joachim Rogge und Günther Wartenberg.
- [Lut03] Martin Luther. Carta Aberta do Dr. Martinho Lutero a Respeito da Tradução e da Interpretação dos Santos. In Nestor Beck, editor, *Martinho Lutero-Obras Seleccionadas*, volume 8, páginas 197–220. Sinodal, São Leopoldo, 2003. Traduzido por Walter Schlupp.
- [Nid47] Eugene Albert Nida. *Bible Translating*. United Bible Societies, London, 1947.
- [Rie83] Helmut Riege. Zeittafel. In *Martin Luther und die Bildung der Deutsche*, páginas 47–51. Inter Nationes, Bonn, 1983.
- [Schsd] Wolfgang Schanze. Philipp Melanchthon. In Rudolf Schneider Wolfgang Schanze e Joachim Rogge, editors, *Philipp Melanchthon*. Evangelische Verlagsanstalt, Berlim, s.d. Eine Gabe zu seinem 400. Todestag.
- [Sto83] Birgit Stolt. Luthers Übersetzungstheorie und Übersetzungspraxis. In Helmar Junghans, editor, *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*, volume

BIBLIOGRAFIA

1 e 2, páginas 241–252 e 797–800. Vandenhoeck e Ruprecht, Göttingen, 1983.
Festgabe zu seinem 500. Geburtstag.

[UBF02] UBFreiburg. Expressum - Informationen aus dem Freiburger Bibliothekssystem. Relatório Técnico 3, Universitätsbibliothek Freiburg i.Br., Freiburg, 2002.

[Wol83] Herbert Wolf. *Martin Luther - Eine Einführung in germanistische Luther-Studien*. Evangelische Verlagsanstalt, Berlin, 1983.

Apêndice A

Sendbrief vom Dolmetschen

Dem ehrbaren und umsichtigen N., meinem geneigten Herrn und Freunde

Gnad und Friede in Christo. Ehrbarer, umsichtiger, lieber Herr und Freund! Ich habe eure Schrift empfangen mit den zwo Quästionen oder Fragen, darin ihr meines Berichts begehrt: Erstlich warum ich "An die Römer" im dritten Kapitel (28) die Worte Sankt Pauli: "Arbitramur hominem iustificari ex fide absque operibus" also verdeutscht habe: "Wir halten, daß der Mensch gerecht werde ohn des Gesetzes Werke, allein durch den Glauben- und daneben anzeigt, wie die Papisten sich über die Maßen ereifern, weil im Text Pauli nicht stehet das Wort "sola"(allein) und man dürfe solchen Zusatz bei Gottes Worten von mir nicht dulden usw.; zum zweiten: Ob auch die verstorbenen Heiligen für uns bitten, weil wir lesen, daß sogar die Engel für uns bitten usw. Auf die erste Frage, wo es euch gelüstet, mögt ihr euern Papisten von meinetwegen antworten also:

Zum ersten. Wenn ich, D. Luther, mich hätte können des versehen, daß alle Papisten zusammen so kundig wären, daß sie ein Kapitel in der Schrift könnten recht und gut verdeutschen, so wäre ich wahrlich so demütig gewesen und hätte sie um Hilf und Beistand gebeten, das Neue Testament zu verdeutschen. Aber dieweil ich gewußt und noch vor Augen sehe, daß ihrer keiner recht weiß, wie man dolmetschen oder deutsch reden soll, hab ich sie und mich solcher Mühe überhoben. Man merkt es aber gut, daß sie aus meinem Dolmetschen und Deutsch lernen deutsch reden und schreiben und stellen mir so meine Sprache, davon sie zuvor wenig gewußt; danken mir aber nicht dafür, sondern brauchen sie viel lieber wider mich. Aber ich gönn es ihnen gern, denn es tut mir dennoch wohl, daß ich meine undankbaren Jünger, dazu meine Feinde, reden gelehrt habe.

Zum zweiten könnt ihr sagen, daß ich das Neue Testament verdeutscht habe nach meinem besten Vermögen und aufs gewissenhafteste; habe damit niemand gezwungen, daß er's lese, sondern es frei gelassen und allein zu Dienst getan denen, die es nicht

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

besser machen können. Es ist niemand verboten, ein bessers zu machen. Wer's nicht lesen will, der lass es liegen; ich bitte und lobe niemand drum. Es ist mein Testament und mein Dolmetschung und soll mein bleiben und sein. Hab ich drinnen irgendwann geirrt (was mir doch nicht bewußt, auch wollt' ich gewiss nicht mutwilliglich einen Buchstaben falsch verdolmetschen) - darüber will ich die Papisten als Richter nicht dulden, denn sie haben noch immer zu lange Ohren dazu und ihr "Ika, Ika" ist zu schwach, um über mein Verdolmetschen zu urteilen. Ich weiß wohl, und sie wissen's weniger denn des Müllners Tier, was für Kunst, Fleiß, Vernunft, Verstand zum guten Dolmetschen gehöret, denn sie haben's nicht versucht.

Es heißt: "Wer am Wege bauet, der hat viel Meister." Also gehet mir's auch. Diejenigen, die noch nie haben recht reden können, geschweige denn dolmetschen, die sind allzumal meine Meister, und ich muss ihrer aller Jünger sein. Und wenn ich sie hätte sollen fragen, wie man die ersten zwei Wort Matthäi 1 (1): "Liber Generationis" sollte verdeutschen, so hätte ihrer keiner gewußt Gack dazu zu sagen - und richten nun über das ganze Werk, die feinen Gesellen. Also ging es Sankt Hieronymo auch; da er die Biblia dolmetscht, da war alle Welt sein Meister, er allein war es, der nichts konnte, und es urteilten über das Werk des guten Mannes diejenigen, so ihm nicht genug gewesen wären, daß sie ihm die Schuhe hätten sollen wischen. Darum gehöret große Geduld dazu, wenn jemand etwas öffentlich Gutes tun will; denn die Welt will Meister Klüglin bleiben und muss immer das Ross vom Schwanz her aufzäumen, alles meistern und selbst nichts können. Das ist ihre Art, davon sie nicht lassen kann.

Ich wollt' dennoch den Papisten freundlich ansehen, der sich herfür tät und etwa eine Epistel Sankt Pauli oder einen Propheten verdeuschet. Sofern daß er des Luthers Deutsch und Dolmetschen nicht dazu gebraucht, da wird man sehen ein fein, schön, löblich Deutsch oder Dolmerschen! Denn wir haben ja gesehen den Sudler zu Dresden, der mein Neues Testament gemeistert hat (ich will seinen Namen in meinen Büchern nicht mehr nennen; zudem hat er auch nun seinen Richter und ist sonst wohl bekannt); der bekennt, daß mein Deutsch süße und gut sei, und sah wohl, daß er's nicht besser machen könnte und wollt' es doch zuschanden machen, fuhr zu und nahm vor sich mein Neu Testament, fast von Wort zu Wort, wie ich's gemacht hab, und tat meine Vorrede, Gloss und Namen davon, schrieb seinen Namen, Vorrede und Gloss dazu, verkauft so mein Neu Testament unter seinem Namen. Ach, lieben Kinder, wie geschah mir da so wehe, da sein Landsfürst mit einer greulichen Vorrede verdammte und verbot, des Luthers Neu Testament zu lesen, doch daneben gebot, des Sudelers Neu Testament zu lesen, welchs doch eben dasselbig ist, das der Luther gemacht hat.

Und daß nicht jemand hier denke, ich lüge, so nimm beide Testamente vor

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

dich, des Luthers und des Sudelers, halt sie gegeneinander, so wirst du sehen, wer in allen beiden der Dolmetscher sei. Denn was er an wenig Orten geflickt und geändert hat - wiewohl mir's nicht alles gefället, so kann ich's doch gern dulden und schadet mir nicht besonders, soweit es den Text betrifft; darum ich auch nie dawider hab wollen schreiben, sondern hab der großen Weisheit müssen lachen, daß man mein Neu Testament so greulich gelästert, verdammt, verboten hat, als es unter meinem Namen ist ausgegangen, aber es doch müssen lesen, als es unter eines andern Namen ist ausgangen. Wiewohl, was das für ein Tugend sei, einem andern sein Buch lästern und schinden, darnach daßelbig stehen und unter eigenem Namen dennoch aus lassen gehen, und so durch fremde verlästerte Arbeit eigen Lob und Namen suchen - das lass ich seinen Richter finden. Mir ist indes genug und bin froh, daß meine Arbeit (wie Sankt Paulus auch rühmet) muss auch durch meine Feinde gefördert und des Luthers Buch ohn Luthers Namen unter seiner Feinde Namen gelesen werden. Wie könnt' ich mich besser rächen?

Und daß ich wieder zur Sache komme: Wenn euer Papist sich viel Beschwer machen will mit dem Wort "sola-allein", so sagt ihm flugs also: Doktor Martinus Luther will's so haben, und spricht: Papist und Esel sei ein Ding. Sic volo, sic iubeo, sit pro ratione voluntas. Denn wir wollen nicht der Papisten Schüler noch Jünger, sondern ihre Meister und Richter sein. Wollen auch einmal stolzieren und prahlen mit den Eselsköpfen; und wie Paulus wider seine tollen Heiligen sich rühmet, so will ich mich auch wider diese meine Esel rühmen. Sie sind Doktores? Ich auch! Sie sind gelehrt? Ich auch! Sie sind Prediger? Ich auch! Sie sind Theologen? Ich auch! Sie sind Disputatoren? Ich auch! Sie sind Philosophen? Ich auch! Sie sind Dialektiker? Ich auch! Sie sind Legenten? Ich auch! Sie schreiben Bücher? Ich auch!

Und will weiter rühmen: Ich kann Psalmen und Propheten auslegen; das können sie nicht. Ich kann dolmetschen; das können sie nicht. Ich kann beten, das können sie nicht. Und um von geringeren Dingen zu reden: Ich verstehe ihre eigene Dialektika und Philosophia besser denn sie selbst allesamt. Und weiß überdies fürwahr, daß ihrer keiner ihren Aristoteles verstehet. Und ist einer unter ihnen allen, der ein Proömium oder Kapitel im Aristoteles recht verstehet, so will ich mich lassen prellen. Ich rede jetzt nicht zu viel, denn ich bin durch ihre Kunst alle erzogen und erfahren von Jugend auf, weiß sehr wohl, wie tief und weit sie ist. Ebenso wissen sie auch recht gut, daß ich alles weiß und kann, was sie können. Dennoch handeln die heillosen Leute gegen mich, als wäre ich ein Gast in ihrer Kunst, der überhaupt erst heute morgen kommen wäre und noch nie weder gesehen noch gehört hätte, was sie lernen oder können; so gar herrlich prangen sie herein mit ihrer Kunst und lehren mich, was ich vor zwanzig Jahren an den Schuhen zerrissen habe; so daß ich auch mit jener Metze auf all ihr Plärren und Schreien singen muss: Ich hab's vor sieben Jahren gewußt, daß Hufnägel Eisen sind.

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

Das sei auf eure erste Frage geantwortet; und bitte euch, wollet solchen Eseln ja nichts andres noch, mehr antworten auf ihr unnützes Geplärre vom Wort "sola" denn so viel: Luther will's so haben und spricht, er sei ein Doktor über alle Doktor im ganzen Papsttum; da soll's bei bleiben. Ich will sie hinfort nur verachten und verachtet haben, so lange sie solche Leute, ich wollt' sagen, Esel sind. Denn es sind solche unverschämte Tröpfe unter ihnen, die auch ihre eigene, der Sophisten Kunst nie gelernt haben, wie Doktor Schmidt und Doktor Rotzlöffel und seinesgleichen; und stellen sich gleichwohl wider mich in dieser Sache, die nicht allein über die Sophisterei, sondern auch, wie Sankt Paulus sagt, über aller Welt Weisheit und Vernunft ist. Wahrlich: ein Esel braucht nicht viel zu singen: Man kennt ihn auch schon gut an den Ohren.

Euch aber und den Unsern will ich anzeigen, warum ich das Wort "sola" haben wollen brauchen, wiewohl Römer 3 (28) nicht "sola", sondern "solum" oder "tantum" von mir gebraucht ist. So genau sehen die Esel meinen Text an. Jedoch habe ich anderswo "sola fide" gebraucht und will auch beides, "solum" und "sola", haben. Ich hab mich des beflissen im Dolmetschen, daß ich rein und klar Deutsch geben möchte. Und ist uns sehr oft begegnet, daß wir vierzehn Tage, drei, vier Wochen haben ein einziges Wort gesucht und gefragt, haben's dennoch zuweilen nicht gefunden. Im Hiob arbeiteten wir also, Magister Philips, Aurogallus und ich, daß wir in vier Tagen zuweilen kaum drei Zeilen konnten fertigen. Lieber - nun es verdeutscht und bereit ist, kann's ein jeder lesen und meistern. Es läuft jetzt einer mit den Augen durch drei, vier Blätter und stößt nicht einmal an, wird aber nicht gewahr, welche Wacken und Klötze da gelegen sind, wo er jetzt drüber hingehet wie über ein gehobelt Brett, wo wir haben müssen schwitzen und uns ängsten, ehe denn wir solche Wacken und Klötze aus dem Wege räumen, auf daß man könnte so fein dahergehen. Es ist gut pflügen, wenn der Acker gereinigt ist. Aber den Wald und die Stubben ausrodern und den Acker zurichten, da will niemand heran. Es ist bei der Welt kein Dank zu verdienen, kann doch Gott selbst mit der Sonnen, ja, mit Himmel und Erden noch mit seines eigen Sohns Tod keinen Dank verdienen, sie sei und bleibt Welt - in des Teufels Namen, weil sie ja nicht anders will.

Ebenso habe ich hier, Römer 3, sehr wohl gewußt, daß im lateinischen und griechischen Text das Wort "solum" nicht stehet und hätten mich solches die Papisten nicht brauchen lehren. Wahr ist's: Diese vier Buchstaben s-o-l-a stehen nicht drinnen, welche Buchstaben die Eselsköpfe ansehen wie die Kühe ein neu Tor, sehen aber nicht, daß es gleichwohl dem Sinn des Textes entspricht, und wenn man's will klar und gewaltiglich verdeutschen, so gehöret es hinein, denn ich habe deutsch, nicht lateinisch noch griechisch reden wollen, als ich deutsch zu reden beim Dolmetschen mir vorgenommen hatte. Das ist aber die Art unsrer deutschen Sprache, wenn sie von zwei Dingen redet, deren man eines bejaht und das ander verneinet, so braucht man des Worts solum "allein" neben

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

dem Wort "nicht" oder "kein". So wenn man sagt: "Der Baur bringt allein Korn und kein Geld." Nein, ich hab wahrlich jetzt nicht Geld, sondern allein Korn. Ich hab allein gegessen und noch nicht getrunken. Hast du allein geschrieben und nicht durchgelesen? Und dergleichen unzählige Weisen in täglichem Brauch. Ob's gleich die lateinische oder griechische Sprache in diesen Redeweisen allen nicht tut, so tut's doch die deutsche und ist's ihre Art, daß sie das Wort "allein" hinzusetzt, auf daß das Wort "nicht" oder "kein" um so völliger und deutlicher sei. Denn wiewohl ich auch sagen kann: "Der Baur bringt Korn und kein Geld", so klingt doch das Wort "kein Geld" nicht so völlig und deutlich, als wenn ich sage: "Der Bauer bringt allein Korn und kein Geld"; und hilft hier das Wort "allein" dem Wort "kein" dazu, daß es eine völlige, deutsche, klare Rede wird, denn man muss nicht die Buchstaben in der lateinischen Sprache fragen, wie man soll Deutsch reden, wie diese Esel tun, sondern man muss die Mutter im Hause, die Kinder auf der Gassen, den gemeinen Mann auf dem Markt drum fragen und denselbigen auf das Maul sehen, wie sie reden, und darnach dolmetschen; da verstehen sie es denn und merken, daß man deutsch mit ihnen redet.

So wenn Christus spricht: "Ex abundantia cordis os loquitur." Wenn ich den Eseln soll folgen, sie werden mir die Buchstaben vorlegen und so dolmetschen: Aus dem Überfluss des Herzens redet der Mund. Sage mir, ist das deutsch geredet? Welcher Deutsche versteht solches? Was ist Überfluss des Herzens für ein Ding? Das kann kein Deutscher sagen, es sein denn, er wollte sagen, es bedeute, daß einer ein allzu groß Herz habe oder zuviel Herz habe; wiewohl das auch noch nicht recht ist, denn Überfluss des Herzens ist kein Deutsch, so wenig als das Deutsch ist: Überfluss des Hauses, Überfluss des Kachelofens, Überfluss der Bank, sondern so redet die Mutter im Haus und der gemeine Mann: Wes das Herz voll ist, des gehet der Mund über. Das heißt gutes Deutsch geredet, des ich mich beflissen und leider nicht allwege erreicht noch getroffen habe, denn die lateinischen Buchstaben hindern über die Maßen sehr, gutes Deutsch zu reden.

Ebenso, wenn der Verräter Judas sagt, Matthäi 26 (8): Ut quid perditio haec? und Marci 14 (4): Ut quid perditio ista unguenti facta est? Folge ich den Eseln und Buchstabisten, so muss ich's so verdeutschen: Warum ist diese Verlierung der Salben geschehen? Was ist aber das für Deutsch? Welcher Deutsche redet so: Verlierung der Salben ist geschehen? Und wenn er's recht versteht, so denkt er, die Salbe sei verloren und müsse sie wohl wieder suchen, wiewohl das auch noch dunkel und ungewiss lautet. Wenn nun das gutes Deutsch ist, warum treten sie nicht herfür und machen uns solch ein fein, hübsch, neu, deutsch Testament und lassen des Luthers Testament liegen? Ich meine eben, sie sollten ihre Kunst an den Tag bringen. Aber der deutsche Mann redet so (Ut quid etc.): Was soll doch solcher Unrat, oder: Was soll doch solcher Schade? Nein, es ist schade um die Salbe - das ist gutes Deutsch, daraus man versteht, daß Magdalene

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

mit der verschütteten Salbe sei unzweckmäßig umgegangen und habe verschwendet; das war Judas' Meinung, denn er gedachte, einen besseren Zweck damit zu erfüllen. Item, da der Engel Mariam grüßet und spricht: Gegrüßet seist du, Maria voll Gnaden, der Herr mit dir. Nun wohl, so ist's bisher einfach dem lateinischen Buchstaben nach verdeutschet. Sage mir aber, ob solchs auch gutes Deutsch sei? Wo redet der deutsch Mann so: Du bist voll Gnaden? Und welcher Deutscher verstehtet, was da heißt: voll Gnaden? Er muss denken an ein Fass voll Bier oder Beutel voll Geldes; darum hab ich's verdeutscht: Du Holdselige, worunter ein Deutscher sich sehr viel eher vorstellen kann, was der Engel meinet mit seinem Gruß. Aber hier wollen die Papisten toll werden über mich, daß ich den engelischen Gruß verderbet habe, wiewohl ich dennoch damit nicht das beste Deutsch habe getroffen. Und würde ich hier das beste Deutsch genommen haben und den Gruß so verdeutscht: Gott grüße dich, du liebe Maria (denn soviel will der Engel sagen, und so würde er geredet haben, wann er hätte wollen sie deutsch grüßen), ich glaube, sie würden sich wohl selbst erhängt haben vor übergroßem Eifer um die liebe Maria, daß ich den Gruß so zunichte gemacht hätte.

Aber was frage ich danach, ob Sie toben oder rasen, ich will nicht wehren, daß sie verdeutschen, was sie wollen; ich will aber auch verdeutschen, nicht wie sie wollen, sondern wie ich will. Wer es nicht haben will, der lass mir's stehen und behalte seine Meisterschaft bei sich, denn ich will sie weder sehen, noch hören, sie brauchen für mein Dolmetschen weder Antwort geben noch Rechenschaft tun. Das hörest du wohl: Ich will sagen: "du holdselige Maria, du liebe Maria", und lass sie sagen: "du voll Gnaden Maria". Wer Deutsch kann, der weiß, welch ein zu Herzen gehendes, fein Wort das ist: die liebe Maria, der liebe Gott, der liebe Kaiser, der liebe Fürst, der liebe Mann, das liebe Kind. Und ich weiß nicht, ob man das Wort "liebe" auch so herzlich und genugsam in lateinischer oder anderen Sprachen ausdrücken kann, das ebenso dringe und klinge ins Herz, durch alle Sinne, wie es tut in unser Sprache.

Denn ich halte dafür, Sankt Lukas als ein Meister in hebräischer und griechischer Sprache, habe das hebräisch Wort, so der Engel gebraucht, wollen mit dem griechischen "kecharitomeni" treffen und deutlich machen. Und denk mir, der Engel Gabriel habe mit Maria geredet, wie er mit Daniel redet und nennet ihn "hamudoth" und "isch hamudoth", vir desideriorum, das ist: "du lieber Daniel". Denn das ist Gabriellis Weise zu reden, wie wir im Daniel sehen. Wenn ich nun den Buchstaben nach, aus der Esel Kunst sollt des Engels Wort verdeutschen, müsste ich so sagen: Daniel, du Mann der Begierungen, oder Daniel, du Mann der Lüste. Oh, das wäre schön Deutsch! Ein Deutscher höret wohl, daß "Mann", "Lüste" oder "Begierungen" deutsche Wort sind, wiewohl es nicht eitel reine deutsche Wort sind, sondern "Lust" und "Begier" wären wohl besser. Aber wenn sie so zusammengefasst werden: Der Mann der Begierungen, so weiß kein Deutscher,

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

was gesagt ist, denkt, daß Daniel vielleicht voll böser Lust stecke. Das hieße denn fein gedolmetscht. Darum muss ich hier die Buchstaben fahren lassen und forschen, wie der deutsche Mann das ausdrückt, was der hebräische Mann "Isch hamudoth"nennt. So finde ich, daß der deutsche Mann so spricht: Du lieber Daniel, du liebe Maria oder: du holdselige Maid, du niedliche Jungfrau, du zartes Weib und dergleichen. Denn wer dolmetschen will, muss großen Vorrat von Worten haben, damit er die recht zur Hand haben kann, wenn eins nirgendwo klingen will.

Und was soll ich viel und lange reden von Dolmetschen? Sollt' ich aller meiner Wort Ursachen und Gedanken anzeigen, ich müßte wohl ein Jahr dran zu schreiben haben. Was Dolmetschen für Kunst und Arbeit sei, das hab ich wohl erfahren, darum will ich keinen Papstesel noch Maulesel, die nichts versucht haben, hierin als Richter oder Tadel erdulden. Wer mein Dolmetschen nicht will, der lass es anstehen. Der Teufel danke dem, der es nicht mag oder ohn meinen Willen und Wissen meistert. Soll's gemeistert werden, so will ich's selber tun. Wo ich's selber nicht tu, da lasse man mir mein Dolmetschen mit Frieden und mache ein jeglicher, was er will, für sich selbst und lebe wohl!

Das kann ich mit gutem Gewissen bezeugen, daß ich meine höchste Treue und Fleiß drinnen erzeigt und nie kein falsche Gedanken gehabt habe - denn ich habe keinen Heller dafür genommen noch gesucht, noch damit gewonnen. Ebenso hab ich meine Ehre drinnen nicht gesucht, das weiß Gott, mein Herr, sondern hab's zu Dienst getan den lieben Christen und zu Ehren einem, der droben sitzt, der mir alle Stunde soviel Gutes tut, daß, wenn ich tausendmal soviel und fleißig gedolmetscht, ich dennoch nicht eine Stunde verdienet hätte zu leben oder ein gesund Auge zu haben: Es ist alles seiner Gnaden und Barmherzigkeit, was ich bin und habe, ja, es ist seines teuren Bluts und sauren Schweißes, darum soll's auch, wenn Gott will, alles ihm zu Ehren dienen, mit Freuden und von Herzen. Lästern mich die Sudeler und Papstesel, wohlan, so loben mich die frommen Christen, samt ihrem Herrn Christo, und bin allzu reichlich belohnet, wenn mich nur ein einziger Christ für einen treuen Arbeiter hält. Ich frag nach Papsteseln nichts, sie sind nicht wert, daß sie meine Arbeit sollen prüfen, und sollt' mir von Herzens Grund leid sein, wenn sie mich losbeten. Ihr Lästern ist mein höchster Ruhm und Ehre. Ich will dennoch ein Doktor, ja auch ein ausbündiger Doktor sein, und sie sollen mir den Namen nicht nehmen bis an den Jüngsten Tag, das weiß ich fürwahr.

Doch hab ich wiederum nicht allzu frei die Buchstaben lassen fahren, sondern mit großer Sorgfalt samt meinen Gehilfen darauf gesehen, so daß, wo es etwa drauf ankam, da hab ich's nach den Buchstaben behalten und bin nicht so frei davon abgewichen; wie Johannes 6 (27), wo Christus spricht: "Diesen hat Gott der Vater versiegelt." Da wäre wohl besser Deutsch gewesen: Diesen hat Gott der Vater gezeichnet, oder, diesen mei-

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

net Gott der Vater. Aber ich habe eher wollen der deutschen Sprache Abbruch tun, denn von dem Wort weichen. Ach, es ist Dolmetschen keineswegs eines jeglichen Kunst, wie die tollen Heiligen meinen; es gehöret dazu ein recht fromm, treu, fleißig, furchtsam, christlich gelehret, erfahren, geübet Herz. Darum halt ich dafür, daß kein falscher Christ noch Rottengeist treulich dolmetschen könne; wie das deutlich wird in den Propheten, zu Worms verdeutschet, darin doch wahrlich großer Fleiß angewendet und meinem Deutschen sehr gefolgt ist. Aber es sind Juden dabei gewesen, die Christo nicht große Huld erzeiget haben - an sich wäre Kunst und Fleiß genug da.

Das sei vom Dolmetschen und der Art der Sprachen gesagt. Aber nun hab ich nicht allein der Sprachen Art vertrauet und bin ihr gefolget, daß ich Römer 3 (28) "solum"(allein) hab hinzugesetzt, sondern der Text und die Meinung Sankt Pauli fordern und erzwingen's mit Gewalt; denn er behandelt ja daselbst das Hauptstück christlicher Lehre, nämlich, daß wir durch den Glauben an Christum, ohn alle Werke des Gesetzes gerecht werden; und schneidet alle Werke so rein ab, daß er auch spricht: des Gesetzes (das doch Gottes Gesetz und Wort ist) Werk nicht helfen zur Gerechtigkeit; und setzt zum Exempel Abraham, daß derselbige sei so ganz ohne Werk gerecht geworden, daß auch das höchste Werk, das dazumal neu geboten ward von Gott vor und über allen andern Gesetzen und Werken, nämlich die Beschneidung, ihm nicht geholfen habe zur Gerechtigkeit, sondern sei ohn die Beschneidung und ohn alle Werk gerecht worden, durch den Glauben, wie er spricht Kap. 4 (2): "Ist Abraham durch Werke gerecht worden, so kann er sich rühmen, aber nicht vor Gott."Wo man aber alle Werke so völlig abschneidet - und das muß ja der Sinn dessen sein, daß allein der Glaube gerecht mache, und wer deutlich und dürr von solchem Abschneiden der Werke reden will, der muß sagen: Allein der Glaube und nicht die Werke machen uns gerecht. Das erzwinget die Sache selbst, neben der Sprache Art.

Ja, sprechen sie: Es klingt ärgerlich und die Leute lernen daraus verstehen, daß sie keine guten Werke zu tun brauchten. Lieber, was soll man sagen? Ist's nicht viel ärgerlicher, daß Sankt Paulus selbst nicht sagt: "allein der Glaube", sondern schüttet's wohl gröber heraus und stößet dem Faß den Boden aus und spricht: "ohn des Gesetzes Werk", und Galat. 2 (16): "nicht durch die Werk des Gesetzes"und desgleichen mehr an anderen Orten; denn das Wort "allein der Glaube"könnte noch eine Gloß finden, aber das Wort "ohn Werk des Gesetzes"ist so grob, ärgerlich, schändlich, daß man mit keiner Glossen helfen kann. Wie viel mehr könnten hieraus die Leute lernen, keine gute Werk tun, da sie hören mit so dürren, starken Worten von den Werken selbst predigen: "kein Werk, ohn Werk, nicht durch Werk". Ist nu das nicht ärgerlich, daß man "ohn Werk, kein Werk, nicht durch Werk"predigt, was sollt's denn ärgerlich sein, so man dies "allein der Glaube"predigt?

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

Und was noch ärgerlicher ist: Sankt Paulus verwirft nicht schlichte, gewöhnliche Werke, sondern des Gesetzes selbst. Daraus könnte wohl jemand sich noch mehr ärgern und sagen, das Gesetz sei verdammt und verflucht vor Gott und man solle eitel Böses tun, wie die taten Römer 3 (8): "Laßt uns Böses tun, auf daß es gut werde", wie auch ein Rottengeist in unsrer Zeit anfang. Sollt' man um solcher Ärgernis willen Sankt Paulus' Wort verleugnen oder nicht frisch und frei vom Glauben reden? Lieber, gerade Sankt Paulus und wir wollen solch Ärgernis haben und lehren um keiner ander Ursachen willen so stark wider die Werk und treiben allein auf den Glauben, daß die Leute sollen sich ärgern, stoßen und fallen, damit sie können lernen und wissen, daß sie durch ihr gute Werk nicht fromm werden, sondern, allein durch Christus' Tod und Auferstehen. Können sie nun durch gute Werk des Gesetzes nicht fromm werden, wie viel weniger werden sie fromm werden durch böse Werk und ohn Gesetz! Darum kann man nicht folgern: Gute Werk helfen nicht - darum helfen böse Werk, gleichwie nicht gut gefolgert werden kann: Die Sonne kann dem Blinden nicht helfen, daß er sehe, darum muß ihm die Nacht und Finsternis helfen, daß er sehe.

Mich wundert aber, daß man sich in dieser offenbaren Sache so kann sperren. Sage mir doch, ob Christus' Tod und Auferstehn unser Werk sei, das wir tun, oder nicht. Es ist keineswegs unser Werk, noch eines einzigen Gesetzes Werk. Nun macht uns ja allein Christus' Tod und Auferstehen frei von Sünden und fromm, wie Paulus sagt Röm. 4 (25): "Er ist gestorben um unsrer Sünde willen und auferstanden um unsrer Gerechtigkeit willen." Weiter sage mir: Welches ist das Werk, womit wir Christus' Tod und Auferstehen fassen und halten? Es darf niemals ein äußerlich Werk, sondern allein der ewige Glaube im Herzen sein; derselbige allein, ganz allein und ohne alle Werk fasset solchen Tod und Auferstehen, wo es gepredigt wird durchs Evangelion. Was soll's denn nun heißen, daß man so tobet und wütet, verketzert und brennt, obgleich die Sach im Grund selbst klärllich daliegt und beweiset, daß allein der Glaub Christus' Tod und Auferstehen fasse ohn alle Werk und derselbige Tod und Auferstehen sei unser Leben und Gerechtigkeit. Wenn es denn an sich offenbar so ist, daß allein der Glaube uns solch Leben und Gerechtigkeit bringet, fasset und gibt, warum soll man denn nicht auch so reden? Es ist nicht Ketzerei, daß der Glaube allein Christum fasset und das Leben gibt. Aber Ketzerei muß es sein, wer solchs sagt oder redet. Sind sie nicht toll, töricht und unsinnig? Die Sachen bekennen sie für recht und strafen doch die Rede von derselbigen Sache als Unrecht; keinerlei Ding darf zugleich Recht und Unrecht sein.

Auch bin ich's nicht allein, noch der erste, der da sagt, allein der Glaube mache gerecht. Es hat vor mir Ambrosius, Augustinus und viel andere gesagt. Und wer Sankt Paulum lesen und verstehen soll, der muß sicher so sagen und kann nicht anders. Seine Wort sind zu stark und dulden kein, ganz und gar kein Werk. Ist's kein Werk, so muß es der

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

Glaube allein sein. Oh, wie würde es eine gar feine, nützliche, unärgerliche Lehre sein, wenn die Leute lernten, daß sie neben dem Glauben auch durch Werk fromm könnten werden. Das wäre so viel gesagt wie, daß nicht allein Christus' Tod fein geehret, dass unsere Werk ihm hülffen und könnten das auch tun, was er tut, auf daß wir ihm gleich gut und stark wären. Es ist der Teufel, der das Blut Christi nicht kann ungeschändet lassen.

Weil nun die Sache im Grund selbst fordert, daß man sage: "Allein der Glaube macht gerecht", und unsrer deutschen Sprache Art, die solchs auch lehrt so auszusprechen - habe dazu der heiligen Väter Exempel und zwinget auch die Gefährdung der Leute, daß sie an den Werken hangen bleiben und den Glauben verfehlen und Christum verlieren, sonderlich zu dieser Zeit, da sie so lang her der Werk gewöhnet und mit Macht davon losgerissen werden müssen: So ist's nicht allein recht, sondern auch hoch vonnöten, daß man aufs allerdeutlichste und völligste heraus sage: Allein der Glaube ohn Werk macht fromm; und reuet mich, daß ich nicht auch dazu gesetzt habe "alle" und "aller", also: "Ohn alle Werk aller Gesetz", daß es voll und rund heraus gesprochen wäre. Darum soll's in meinem Neuen Testament bleiben, und sollten alle Papstesel toll und töricht werden, so sollen sie mir's nicht heraus bringen. Das sei jetzt davon genug. Weiter will ich, so Gott Gnade gibt, davon reden im Büchlein De iustificatione.

Auf die andere Frage, ob die verstorbenen Heiligen für uns bitten. Darauf will ich jetzt kürzlich antworten, denn ich gedenk, einen "Sermon von den lieben Engeln" ausgeben zu lassen, darin ich dies Stück ausführlicher, will's Gott, behandeln werde. Erstlich wisset ihr, daß im Papsttum nicht allein das gelehret ist, daß die Heiligen im Himmel für uns bitten, welchs wir doch nicht wissen können, weil die Schrift uns solchs nicht sagt, sondern auch, daß man die Heiligen zu Göttern gemacht hat, daß sie unsre Patrone haben müssen sein, die wir anrufen sollen, etliche auch, die nie gelebt haben, und einem jeglichen Heiligen sonderliche Kraft und Macht zugeeignet, einem über Feuer, diesem über Wasser, diesem über Pestilenz, Fieber und allerlei Plage, so daß Gott selbst hat ganz müßig sein müssen und die Heiligen lassen an seiner Statt wirken und schaffen. Diesen Greuel fühlen die Papisten jetzt wohl und ziehen heimlich die Pfeifen ein, putzen und schmücken sich nun mit der Fürbitt der Heiligen. Aber dies will ich jetzt aufschieben. Aber ich stehe dafür, daß ich's nicht vergessen und solchs Putzen und Schmücken nicht ungebüßet hingehen lassen werde!

Zum andern wisset ihr, daß Gott mit keinem Wort geboten hat, Engel oder Heilige um Fürbitt anzurufen, habt auch in der Schrift des kein Exempel; denn man findet, daß die lieben Engel mit den Vätern und Propheten geredet haben, aber nie ist einer für sie um Fürbitt gebeten worden, so daß auch der Erzvater Jakob seinen Kampfengel nicht um Fürbitt bat, sondern nahm allein den Segen von ihm. Man findet aber wohl das Widerspiel

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

in der Apokalypse, daß der Engel sich nicht wollt' lassen anbeten von Johannes, und ergibt sich also, daß Heiligendienst sei ein bloßer Menschentand und ein eigen Fündlein ohne Gottes Wort und die Schrift.

Weil uns aber in Gottes Dienst nichts gebührt vorzunehmen ohn Gottes Befehl, und wer es vornimmt, das ist eine Gottesversuchung; darum ist's nicht zu raten noch zu leiden, daß man die verstorbenen Heiligen um Fürbitt anrufe oder anrufen lehre, sondern soll's vielmehr verdammen und meiden lehren. Derhalben ich auch nicht dazu raten und mein Gewissen mit fremder Missetat nicht beschweren will. Es ist mir selber aus der Maßen saur worden, mich von den Heiligen loszureißen, denn ich über alle Maßen tief drinnen gesteckt und ersoffen gewesen bin. Aber das Licht des Evangelii ist nu so helle am Tag, daß hinfort niemand entschuldigt ist, wo er in der Finsternis bleibt. Wir wissen alle sehr wohl, was wir tun sollen.

Darüber hinaus ist's an sich ein gefährlicher, verführerischer Dienst, so daß die Leute sich gewöhnen, gar leicht sich von Christo zu wenden und lernen bald mehr Zuversicht auf die Heiligen, denn auf Christo selbst zu setzen. Denn es ist die Natur ohnedies allzusehr geneigt, von Gott und Christo zu fliehen und auf Menschen zu trauen. Ja, es wird aus der Maßen schwer, daß man lerne auf Gott und Christum trauen, wie wir doch gelobt haben und schuldig sind. Darum ist solch Ärgernis nicht zu dulden, womit die schwachen, und fleischlichen Leute ein Abgöttereie anrichten wider das erste Gebot und wider unsre Taufe. Man treibe nur getrost die Zuversicht und Vertrauen von den Heiligen zu Christo, beides, mit Lehren und mit üben; es hat dennoch Mühe und Hindernis genug, daß man zu ihm kommt und recht ergreift. Man braucht den Teufel nicht über die Tür malen, er findet sich gut von selbst.

Zuletzt sind wir völlig gewiß, daß Gott nicht drum zürnet, und sind ganz sicher, wenn wir die Heiligen nicht um Fürbitt anrufen, weil er's nirgends geboten hat. Denn er spricht, daß er sei ein Eiferer, der die Missetat heimsucht an denen, die sein Gebot nicht halten. Hier aber ist kein Gebot, darum auch kein Zorn zu fürchten. Weil denn hier auf dieser Seiten Sicherheit ist und dort große Gefahr und Ärgernis wider Gottes Wort, warum wollten wir uns denn aus der Sicherheit begeben in die Gefahr, wo wir kein Gottes Wort haben, das uns in der Not halten, trösten oder erretten kann? Denn es stehet geschrieben: "Wer sich gern in die Gefahr gibt, der wird drinnen umkommen." Auch spricht Gottes Gebot: "Du sollst Gott deinen Herrn nicht versuchen."

Ja, sprechen sie, damit verdammt du die ganze Christenheit, die allenthalben solchs bisher gehalten hat. Antwort: Ich weiß sehr wohl, daß die Pfaffen und Mönch solchen Deckel ihrer Greuel suchen und wollen auf die Christenheit schieben, was sie übel bewahrt haben, auf daß, wenn wir sagen, die Christenheit irre nicht, so sollen wir auch

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

sagen, daß sie auch nicht irren, und so kein Lüge auch Irrtum an ihnen könne gestraft werden, weil es die Christenheit so hält. So ist denn keine Wallfahrt, wie offenbarlich der Teufel auch da sei, kein Ablass, wie grob die Lüge auch sei, unrecht. Kurzum: eitel Heiligkeit ist da. Darum sollt ihr hierzu so sagen: Wir handeln jetzt nicht davon, wer verdammt oder nicht verdammt sei. Diese fremde Sache mengen sie da hinein, auf daß sie uns von unsrer Sache abführen. Wir handeln jetzt von Gottes Wort; was die Christenheit sei oder tu, das gehört an ein ander Ort. Hier fragt man, was Gottes Wort sei oder nicht. Was Gottes Wort nicht ist, das macht auch keine Christenheit.

Wir lesen zur Zeit Eliä des Propheten, daß öffentlich kein Gotteswort noch Gottesdienst war im ganzen Volk Israel, wie er spricht: "Herr, sie haben deine Propheten getötet und deine Altäre umgegraben, und ich bin gar alleine." Hier wird der König Ahab und andere auch gesagt haben: Elia, mit solcher Rede verdammt du das ganze Volk Gottes. Aber Gott hatte gleichwohl siebentausend behalten. Wie? Meinst du nicht, daß Gott unter dem Papsttum jetzt auch habe können die Seinen erhalten, obgleich die Pfaffen und Mönche in der Christenheit eitel Teufelslehrer gewesen und in die Höll gefahren sind? Es sind gar viel Kinder und junges Volk gestorben in Christo; denn Christus hat mit Gewalt unter seinem Widerchrist die Taufe, dazu den bloßen Text des Evangelii auf der Kanzel und das Vaterunser und den Glauben erhalten, damit er gar viel seiner Christen und also seine Christenheit erhalten und den Teufelslehrern nichts davon gesagt.

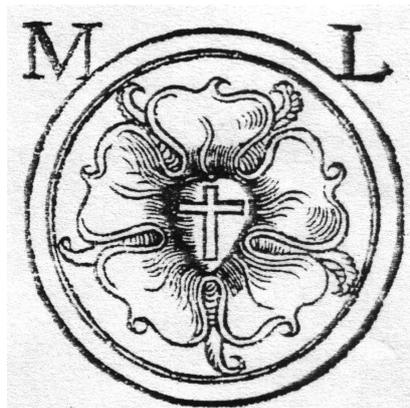
Und ob die Christen gleich haben etliche Stücke der päpstlichen Greuel getan, so haben die Papstesel damit noch nicht beweiseth, daß die lieben Christen solchs gern getan haben, viel weniger ist damit beweiseth, daß die Christen recht getan haben. Christen können wohl irren und sündigen allesamt, Gott aber hat sie allesamt gelehrt beten um Vergebung der Sünden im Vaterunser und hat ihre solche Sünde, die sie haben müssen ungerne, unwissend und von dem Widerchrist gezwungen tun, wohl gewußt zu vergeben, und dennoch Pfaffen und Mönchen nichts davon sagen. Aber das kann man wohl beweisen, daß in aller Welt immer ein groß heimlich Mummeln und Klagen gewesen ist wider die Geistlichen, als gingen sie mit der Christenheit nicht recht um. Und die Papstesel haben auch solchem Mummeln mit Feur und Schwert trefflich widerstanden bis auf diese Zeit hin. Solch Mummeln beweiset gut, wie gern die Christen solch Greuel gesehen und wie recht man daran getan habe. Ja, lieben Papstesel, kommet nun her und saget, es sei der Christenheit Lehre, was ihr erstunken, erlogen und wie Bösewichter und Verräter der lieben Christenheit mit Gewalt aufgedrungen und wie Ermörder viel Christen darüber ermordet habt. Bezeugen doch alle Buchstaben in allen Papstgesetzen, daß nichts aus Willen und Rat der Christenheit jemals sei gelehrt, sondern eitel "districte precipiendo mandamus" ist da; das ist ihr heiliger Geist gewesen. Solch Tyrannei hat die Christenheit müssen leiden, womit ihr das Sakrament geraubt und ohn ihr Schuld so im Gefängnis gehalten ist. Und

Apêndice A: *Sendbrief vom Dolmetschen*

die Esel wollten solch unleidlich Tyrannie ihres Frevels uns jetzt für eine freiwillige Tat und Exempel der Christenheit verkaufen und sich so fein putzen. Aber es will jetzt zu lang werden. Es sei diesmal genug auf die Frage. Ein andermal mehr. Und haltet mir meine lange Schrift zu gut. Christus unser Herr sei mit uns allen. Amen.

Ex Eremo octava Septembris. 1530. Martinus Luther Euer guter Freund Dem Ehrbarn und umsichtigen N., meinem geneigten Herrn und Freunde.

Martin Luther, 1530



Apêndice B

Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Ao honorável e ilustre N., meu benévolo senhor e amigo

Graça e paz em Cristo, honorável, sábio e estimado senhor e amigo. Recebi vossa carta com as duas questões ou perguntas em que pedis meu posicionamento. Em primeiro lugar, [indagais] por que eu, no tocante a Romanos, capítulo 3, traduzi da seguinte forma para o alemão as palavras de S. Paulo: Arbitramur hominem iustificari ex fide absque operibus: "Consideramos que a pessoa se torna justa sem as obras da lei, somente pela fé"; ainda mencionais [633] que os Papistas ficam polemizando futilmente, uma vez que, no texto de Paulo, não consta a palavra sola (somente), sendo esse acréscimo da minha parte insuportável em palavras de Deus, etc. Por outro lado, [ainda perguntais] se também os santos falecidos rogam por nós, uma vez que lemos que os anjos é que rogam por nós, etc. Com referência à primeira pergunta, por mim, podeis responder a vossos Papistas da seguinte maneira (se quiserdes):

Em primeiro lugar, se eu, Dr. Lutero, pudesse fazer com que todos os Papistas, em conjunto, tivessem condições de traduzir sequer um capítulo da Escritura para o alemão, garanto-vos que teria tido a humildade de lhes pedir ajuda na tradução do Novo Testamento para a nossa língua. Mas como eu sabia e ainda percebo muito bem que nenhum deles sabe direito como traduzir ou falar alemão, poupei a eles e a mim desse esforço. Percebe-se, porém, muito bem, que, com base na minha tradução e no meu alemão, eles estão aprendendo a falar e escrever o vernáculo, roubando-me, portanto, a minha língua, a qual antes pouco conheciam; mas não me agradecem por tanto, e sim, preferem utilizá-la contra mim. Mas não lhes levo a mal, uma vez que me faz muito bem [constatar] que, mesmo a meus discípulos ingratos e até a meus inimigos, eu ensinei a

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

falar.

Por outro lado, podeis dizer que traduzi o Novo Testamento o melhor que pude e segundo a minha consciência, a ninguém obrigando a lê-lo, deixando plena liberdade e apenas prestando um serviço àqueles que não possam fazê-lo melhor. Ninguém está proibido de fazer [uma tradução] melhor. Quem não quiser lê-la, que a deixe de lado, não peço nem elogio a ninguém por isso. É meu testamento e minha tradução e assim continuará sendo. Caso nela eu tenha errado (do que não tenho consciência e, naturalmente, não gostaria de traduzir inadequadamente sequer uma letra de propósito), não quero que os Papistas sejam os juízes disso, pois, por enquanto, ainda têm orelhas muito compridas para tal e seu zurro ainda é muito fraco para julgar minha tradução. Eu conheço muito bem, eles [porém] conhecem menos do que o animal do moleiro a arte, a dedicação, a razão e o entendimento que fazem o bom tradutor, pois eles nem sequer o tentaram.

Diz-se que quem constrói à beira do caminho tem muitos mestres. A mesma coisa acontece comigo. Aqueles que jamais souberam falar direito, que dirá traduzir, sempre serão meus mestres e eu tenho que ser aluno de todos eles. E se eu tivesse que lhes perguntar como traduzir para o alemão as primeiras duas palavras em Mateus 1[.1], *Liber Generationis* [Livro da origem], não saberiam dar um pio a respeito. [634] E agora esses camaradas estão julgando a obra inteira. Isso aconteceu também com S. Jerônimo ao traduzir a Bíblia: todo mundo era seu mestre, só ele é que não sabia; e julgavam a obra do bom homem aqueles que não mereciam nem limpar os seus sapatos. Por isso é preciso ter muita paciência quando alguém quiser fazer coisa boa de público, pois o mundo quer ficar bancando o sabichão e sempre quer encilhar o cavalo pelo rabo, mandando em tudo, sem saber fazê-lo, assim é e sempre será o mundo.

Eu ainda gostaria de ver o Papista que se destacasse, traduzindo, por exemplo, uma epístola de S. Paulo ou um profeta, sem usar o alemão e a tradução de Lutero, aí sim, veríamos um alemão ou uma tradução linda, excelente, notável. Afinal de contas, vimos o picareta de Dresden que se pôs como mestre do meu Novo Testamento (não quero mais mencionar o seu nome em meus livros; afinal, agora ele tem o seu juiz, além de ser muito conhecido): ele confessa ser doce e de boa qualidade o meu alemão, percebendo muito bem que não poderia fazê-lo melhor, e tentou, mesmo assim, arruiná-lo, pegou o meu Novo Testamento, quase que palavra por palavra, do jeito que eu fiz, tirou meu prefácio, minhas observações e meu nome, escreveu o seu nome, prefácio e observações, para, então, vender o meu Novo Testamento com o nome dele. Ora, meus queridos, quanto me doeu quando seu príncipe condenou e proibiu, num prefácio horroroso, a leitura do Novo Testamento de Lutero, mandando, porém, ao mesmo tempo, ler o Novo Testamento do picareta, o qual, afinal de contas, é exatamente o mesmo que o Lutero fez.

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

E para que ninguém pense que estou mentindo, coloque lado a lado os dois testamentos, o do Lutero e o do picareta, compare-os e verá quem é o tradutor de ambos. Pois o que ele remendou e alterou em algumas poucas passagens (embora nem tudo me agrade), acho passável e, no meu entender, não prejudica muito o texto, razão por que nunca quis escrever algo em contestação, mas tive que dar risada ante a grande sabedoria de tão terrivelmente se espinafrear, condenar e proibir meu Novo Testamento, enquanto era publicado sob meu nome, mas terem que lê-lo, mesmo assim, quando saiu sob o nome de outrem. [635] Não obstante, deixo que outros julguem que virtude é essa: difamar e denegrir o livro de outrem para, então, furtá-lo e publicá-lo, mesmo assim, sob o próprio nome, buscando, portanto, o próprio prestígio por meio do trabalho alheio difamado. Por ora para mim basta, e estou contente que o meu trabalho (como também alega S. Paulo) acabe fomentado mesmo por meus inimigos, e o livro do Lutero seja lido sempre sem o nome do Lutero, mas sob o nome de seus inimigos. Como poderia vingar-me melhor?

Voltando ao assunto, quando o Papista quiser bancar o sabichão com o termo sola, "somente", diga-lhe logo o seguinte: o Dr. Martinho Lutero o quer assim e afirma que Papista e burro são a mesma coisa. Sic volo, sic iubeo, sit pro ratione voluntas [Assim quero, assim ordeno, minha vontade é suficiente]. Pois não queremos ser alunos nem discípulos dos Papistas, e sim, seus mestres e juízes, nós também queremos nos gabar e vangloriar com essas cabeças de burro; como Paulo se gaba contra seus santos malucos, eu também quero gabar-me contra esses meus burros. Eles são doutores? Eu também sou. São eruditos? Eu também. São pregadores? Eu também. São teólogos? Eu também. São disputadores? Eu também. São filósofos? Eu também. São dialéticos? Eu também. São preletores? Eu também. Eles escrevem livros? Eu também.

E quero gabar-me ainda mais: eu sei interpretar salmos e profetas, eles não sabem. Eu sei traduzir, eles não. Eu sei ler a Sagrada Escritura, eles não. Eu sei orar, eles não. E passando para coisas menos importantes: a sua dialética e filosofia eu sei melhor do que eles todos juntos. E sei ainda que realmente nenhum deles entende seu Aristóteles. E se entre todos eles houver um que entenda corretamente um prefácio ou capítulo em Aristóteles, então podem me enforcar. E não estou falando demais, pois fui educado na arte deles e tenho experiência desde a juventude, sabendo muito bem quão profunda e abrangente ela é. Portanto, eles também sabem muito bem que tenho o conhecimento e domínio que eles têm. Mesmo assim, esses miseráveis me tratam como se eu fosse um visitante em sua arte, recém-chegado hoje de manhã, sem jamais ter visto ou ouvido o que ensinam ou sabem. Tão magnificamente se ufanam de sua arte e ficam me ensinando coisas nas quais vinte anos atrás já gastei a sola dos sapatos, de modo que, ante a gritaria deles, eu também tenho que cantar com aquela moça: sete anos atrás eu já sabia que cravos de ferradura são de ferro.

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Essa seja a resposta à vossa primeira pergunta, e peço-vos que não respondais mais ou de outra maneira a esses burros e seu [636] berreiro inútil por causa do termo *sola*, a não ser: Lutero o quer assim e diz que é um doutor acima de todos os doutores em todo o papado, e isto basta. Doravante, vou simplesmente desprezá-los e quero tê-los desprezado, enquanto forem gente, ou melhor, burros dessa laia. Pois entre eles há malandros tão descarados, que nunca aprenderam a sua própria arte dos sofistas, como o Dr. Ferreiro e o Dr. Ranhudo. Colocam-se contra mim nessa questão e não somente acima de sofismas, mas também, (como diz S. Paulo), acima da sabedoria e razão de todo o mundo. Efetivamente, um burro não precisa cantar muito, a gente já o conhece pelas orelhas.

Entretanto, a vós e aos nossos quero mostrar por que eu quis usar o termo *sola*, embora em Rm 3[.28] eu não tenha usado *sola*, mas *solum* ou *tantum* (no que se vê com quanta atenção eles lêem meu texto). Mas em outros lugares, utilizei *sola fide* e realmente quero os dois: *solum* e *sola*. Na tradução, eu procurei reproduzir um sentido puro e claro. Muitas vezes nos sucedeu ficarmos quatorze dias, três, quatro semanas buscando e perguntando por uma única palavra e, mesmo assim, algumas vezes não a encontramos. Em nosso trabalho em Jó, o M[estre] Filipe, Aurogalo e eu, em quatro dias, às vezes, não conseguimos concluir três linhas. Meu caro, agora que está traduzido e pronto, qualquer um consegue lê-lo e entendê-lo, percorre três, quatro folhas com os olhos e nem tropeça, mas não se dá conta das pedras e toras que havia ali, onde ele, agora, passa como sobre uma tábua aplainada, ali, tivemos que suar e nos angustiar até tirar do caminho essas pedras e toras para se conseguir passar com tanta facilidade. Arar é fácil, quando o campo está limpo. Mas arrancar a floresta e os tocos e preparar o campo, isso ninguém quer fazer. Do mundo não se pode esperar gratidão. Se o próprio Deus nem com o sol, nem mesmo com o céu e a terra, nem com a morte do seu próprio Filho consegue granjear gratidão, o mundo seja e continua sendo mundo em nome do diabo, já que ele não quer outra coisa.

Portanto, aqui, em Rm 3[.28], eu sabia muito bem que no texto latino e grego não consta a palavra *solum*. Isso os Papistas não precisavam me ensinar. É verdade, estas quatro letras *sola* não constam ali, letras essas que os burros enxergam como uma vaca enxerga uma porteira nova, [637] mas não vêem que, mesmo assim, elas contêm o sentido do texto, e quando se quer traduzir com clareza e contundência, é preciso incluí-las, pois eu quis falar alemão, e não latim nem grego, uma vez que me propusera traduzir para o alemão. E esse é o estilo do nosso idioma alemão: quando se fala de duas coisas, das quais uma é afirmada, a outra negada, utiliza-se a palavra *solum* (*allein*, [somente]), além da palavra *nicht* [não] ou *kein* [nenhum], como quando se diz: "o colono traz somente grãos, e nenhum dinheiro"; "não, agora não tenho dinheiro mesmo, mas somente grão".

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

"Eu somente comi, ainda não bebi". "Você somente escreveu e não leu?" Inúmeros outros exemplos [existem] no uso diário.

Em todas essas expressões, mesmo que a língua latina ou grega não o faça, a alemã o faz, e é sua característica acrescentar o termo "somente", para que a palavra "não" ou "nenhum" fique mais completa e clara; pois mesmo que eu diga "o colono traz grão e nenhum dinheiro", a expressão "nenhum dinheiro" não soa tão completa e clara como quando digo: "o colono traz somente grão, e nenhum dinheiro", sendo que aqui o termo "somente" apóia o termo "nenhum", de modo que se torna uma formulação bem alemã e clara; pois não se deve perguntar às letras na língua latina como se deve falar em alemão, como fazem esses burros, e sim, é preciso perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao popular na feira, ouvindo como falam, e traduzir do mesmo jeito, então vão entender e notarão que se está falando alemão com eles. Ou quando Cristo diz: *ex abundantia cordis os loquitur* [a boca fala do que está cheio o coração - Mt 12.34; Lc 6.45]. Se eu for seguir esses burros, vão me apresentar as letras e traduzir assim: "Da abundância do coração fala a boca". Diga-me: isto é falar a nossa língua? Que patrício vai entender isso? "Abundância do coração", que é isso? Nenhum alemão fala desse jeito, a não ser que queira dizer que alguém tem coração grande demais ou tem coração demais, embora isso também ainda não esteja correto: pois "abundância do coração" não é jeito de falar a nossa língua, assim como também não é alemão dizer "abundância da casa", "abundância do forno", "abundância de banco". Na verdade, a mãe em casa e a pessoa comum falam da seguinte maneira: "o coração transborda pela boca", isso é que é falar a nossa língua. Nesse sentido, esforcei-me e, infelizmente, nem sempre consegui, pois as letras latinas atrapalham demais a formulação alemã perfeita.

Quando o traidor Judas diz, em Mateus 26[.8]: *Ut quid perditio hec?* [para que este desperdício?]. E Marcos 14[.4]: *Ut quid perditio ista ungenti facta est?* [para que este desperdício de bálsamo?], se eu fosse atrás desses burros e pé-da-letristas, teria que traduzir do seguinte modo: "por que aconteceu essa perda [638] do unguento?" Mas que vernáculo é esse? Qual é o alemão que fala desse jeito: "aconteceu perda do unguento"? E mesmo que o entenda, pensará que o unguento teria sido perdido, precisando-se procurá-lo novamente, embora esse sentido também ainda fique obscuro e incerto. Se isso é bom alemão, por que eles não se apresentam e nos fazem um belo e novo testamento em nossa língua, deixando de lado o testamento de Lutero? Sou da opinião de que deveriam mostrar em público a sua arte. Mas os nossos patrícios falam assim: "para que esse desperdício?" Ou: "para que um prejuízo desses? Oh, pena pelo unguento". Isso é bom alemão; assim se entende que Madalena desperdiçou o unguento, derramando-o, causando prejuízo, na opinião de Judas, pois este pensava em aproveitá-lo melhor.

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Da mesma forma, quando o anjo saúda Maria, dizendo: "Salve, Maria, cheia de graça, o Senhor seja contigo"[Lc 1.28]. Pois bem, assim é que se traduziu até agora, simplesmente seguindo a letra latina. Mas diga-me: isso é bom alemão? Quando é que o alemão fala assim: "estás cheia de graça"? Qual é o patrício que vai entender o que significa "cheia de graça"? Ele vai pensar num barril cheio de cerveja, ou num saco cheio de dinheiro; por isso eu traduzi: "graciosa"[holdselige], de modo que um alemão conseguirá associar melhor com o sentido pretendido pelo anjo em sua saudação. Mas aí os Papistas ficam doidos comigo, por ter adulterado a saudação angelical. Isso que ainda não consegui acertar a melhor formulação alemã. E se eu tivesse tomado a melhor formulação vernácula, traduzindo da seguinte maneira a saudação: "Deus te abençoe, querida Maria"[Gott grusse dich, liebe Maria] (pois isso é o que o anjo quer dizer, e assim teria falado, se quisesse saudar em nossa língua), acredito que eles se teriam arrancado os cabelos, devido à sua grande devoção para com a querida Maria, por eu ter arrasado de tal maneira a saudação.

Mas que me importa? Que se enfureçam e esperneiem, não vou impedir que traduzam do jeito que quiserem, mas vou traduzir não como eles querem, e sim, como eu quero. Quem não concordar, que deixe estar e fique com sua erudição para si, pois não a quero ver nem ouvir, não precisam reagir à minha tradução nem prestar contas. Estás ouvindo muito bem o que eu quero dizer: "tu, Maria graciosa", "tu, querida Maria" e deixa-os dizerem: "tu, Maria cheia de graça". Quem conhece a nossa língua, sabe muito bem que palavra terna e delicada é esta: a Maria querida, Deus querido, o imperador querido, o príncipe querido, o homem querido, a criança querida. E nem sei se [639] o termo "querido"[lieb] também pode ser reproduzido com tanta ternura e em acepção tão ampla em latim ou numa outra língua, de modo que entre e repercuta no coração, em todos os sentidos, como acontece em nossa língua.

Pois para mim, S. Lucas, mestre dos idiomas hebraico e grego, quis reproduzir com clareza o termo hebraico usado pelo anjo com o grego kecharitomeni. E penso que o anjo Gabriel falou com Maria como falou com Daniel, chamando-o de hamudoth e isch hamudoth [hebraico], vir desideriorum [latim], isto é, "tu, querido Daniel". Pois essa é a maneira de Gabriel falar, como vemos em Daniel. Se agora vou passar para o alemão as palavras do anjo ao pé da letra, a feitiço dos burros, eu teria que dizer: "Daniel, tu homem dos desejos", ou "Daniel, tu homem dos prazeres". Ora, sem dida, isso seria alemão. Um alemão ouve muito bem que homem, prazeres ou desejos são palavras alemãs, embora não sejam formulações bem alemãs, e sim, prazer e desejo certamente seriam melhores. Mas, juntando desse jeito, "tu homem dos desejos", nenhum alemão saberá o que está sendo dito, pensando que Daniel talvez esteja tomado de volúpia. Isso sim que seria uma bela tradução! Por isso, tenho que abrir mão das letras e pesquisar como é que o alemão diz

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

aquilo que o hebreu diz com *isch hamudoth*. Constato, então, que o alemão fala assim: "Tu, querido Daniel", "tu, querida Maria" ou "tu, moça graciosa", "tu, senhorita", "tu, gentil senhora", etc. Pois quem quiser traduzir, precisa de grande repositório de palavras, para poder usá-las quando uma só não soar bem em todas as passagens.

Que vou ficar me alongando sobre o processo de tradução? Para indicar todos os motivos e arrazoados das minhas palavras, teria que ficar escrevendo, provavelmente, um ano inteiro. A arte e o trabalho que representa o traduzir, eu experimentei muito bem, por isso não tolero que nenhum burro de papa nem mula alguma, que nada tentaram, seja meu juiz ou crítico nisso. Quem não quiser minha tradução, que a deixe de lado, o diabo que leve a quem a detesta ou a fica corrigindo à minha revelia e sem o meu consentimento. Se é para corrigi-la, quero fazê-lo eu mesmo. Se eu mesmo não o faço, então que deixem minha tradução em paz, e cada qual faça para si próprio o que lhe aprouver, e cordiais saudações.

[640] De boa consciência posso atestar que demonstrei a maior fidelidade e dedicação, jamais com segundas intenções, pois não cobrei, nem pedi nem ganhei um centavo sequer por isso. Não busquei a minha fama, isso meu Senhor e Deus sabe, e sim, fi-lo para servir aos cristãos amados e para a glória de um que está assentado lá em cima, que a toda hora me faz tanto bem, que, se eu tivesse traduzido mil vezes mais, na maior dedicação, não teria merecido viver sequer uma hora, ou ter um olho sadio. O que sou e tenho devo tudo a sua graça e misericórdia, a seu precioso sangue e sofrido suor, por isso, também, seja tudo para a sua glória (se Deus quiser), com o maior prazer e do fundo do coração. Se os picaretas e burros do papa me difamam, tudo bem, os cristãos probos me elogiam juntamente com seu Senhor Cristo, e estou abundantemente recompensado, se um único cristão reconhecer em mim um trabalhador fiel. Eu não me preocupo com os burros do papa, eles não são dignos de reconhecer o meu trabalho e, sinceramente, preferiria que não me elogiassem. Sua calúnia é minha maior glória e reputação, afinal de contas, quero ser um doutor, e doutor de primeira, e eles não vão me tirar esse título, até o dia do juízo final, disso eu tenho certeza.

Por outro lado, não ignorei demasiadamente a letra, mas, com meus auxiliares, cuidei meticulosamente que, por exemplo, a menção de uma palavra chave localidade tivesse reprodução literal, e não procedi com tanta liberalidade, como quando Cristo fala, em João 6[.27]: "Este Deus Pai selou". Em alemão, teria sido melhor: "Este Deus o Pai marcou" ou "Deus Pai tem em mente a este". Mas preferi comprometer a língua alemã a desistir do termo. Ah, a tradução não é arte para qualquer um, como julgam esses santos malucos, para tal é preciso ter um coração forte, probo, fiel, dedicado, temente, cristão, estudado, experiente e treinado. Por isso, sou da opinião de que nenhum falso cristão

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

nem espírito sectário consegue traduzir com fidelidade, como parece evidenciar-se nos profetas traduzidos em Worms, onde efetivamente se realizou muito trabalho, em muito se aproximando ao meu. Só que ali participaram judeus, que não mostraram muita boa vontade para com Cristo, porém, no mais se percebe muita capacidade e esforço.

Isso quanto à tradução e à característica da linguagem. Só que não, apenas, segui a característica das línguas e confiei nelas, ao acrescentar *solum*, "somente", em Rm 3[.28], e sim, o texto e a intenção de S. Paulo exigem e obrigam forçosamente a tal, pois ali ele está tratando do principal tópico da doutrina cristã, ou seja, de que nos tornamos justos mediante a fé em Cristo [641], sem qualquer obra da lei, cortando todas as obras de modo tão radical que chega a dizer que as obras da lei (a qual, afinal de contas, é lei e Palavra de Deus) não ajudam para [alcançar] a justiça, exemplificando com Abraão: este teria se tornado justo de forma tão independente das obras que, mesmo a obra suprema, que na época havia sido recém-ordenada e colocada por Deus antes e acima de todas as outras leis e obras, ou seja, a circuncisão, não lhe teria ajudado para [alcançar] a justiça, mas ele teria se tornado justo sem a circuncisão e sem quaisquer obras, mediante a fé, como diz no cap. 4[sc. Rm 4.2]. Se Abraão ficou justo por obras, ele pode gabar-se, mas não perante Deus. Mas quando se cortam todas as obras de forma tão radical, e ali o sentido tem que ser que somente a fé torna justo, se alguém quiser falar de forma clara e explícita desse corte das obras, tem que dizer "somente a fé e não as obras nos tornam justos", o próprio objeto obriga a tal, além da característica idiomática.

Sim, exclamam eles escandalizados. As pessoas deduzirão daí que não precisam fazer boas obras. Que será melhor dizer? Não é escândalo muito maior que o próprio S. Paulo não se limita a dizer "somente a fé", mas é mais radical, liquidando de uma vez o assunto ao dizer: "sem as obras da lei", e Gl 1[sc. 2.16], "não pelas obras da lei" e em muitas outras passagens; pois a expressão "somente a fé" ainda poderia receber um comentário explicativo, mas a expressão "sem obras da lei" é tão brutal, escandalosa e infame que não se pode ajeitá-la com nenhuma glosa. Não é daí que as pessoas poderão aprender muito mais a não fazer boas obras, ao ouvir falar com palavras tão explícitas e fortes a pregação referente às obras: "nenhuma obra", "sem obra", "não pelas obras"? Se não é escandaloso que se pregue "sem obras", "nenhuma obra", "não pelas obras", por que se escandalizar quando se prega "somente a fé"?

Mais escandaloso ainda é que S. Paulo não repudia, apenas, obras em geral, mas a própria lei. Conseqüentemente, alguém poderia escandalizar-se ainda mais, dizendo: maldita seja a lei perante Deus, deve-se praticar apenas o mal, como faziam segundo Rm 3[.8]. Façamos o mal para que fique bom, como também se pôs a fazer um espírito sectário do nosso tempo. Será que, em função desse escândalo, vamos arreene-

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

gar a palavra de S. Paulo ou deixar de falar livre e galhardamente da fé? É melhor S. Paulo e nós passarmos por tal escândalo e ensinar com tanta veemência contra as obras e propondo exclusivamente a fé, por nenhuma outra razão senão para que as pessoas se escandalizem, tropecem e caiam, para que aprendam e saibam que não se tornam probas mediante suas boas obras, mas apenas pela morte e ressurreição de Cristo. [642] Se pelas boas obras da lei não podem ficar probas, quanto menos se tornarão probas mediante obras malignas e sem a lei? Por isso, não se pode tirar a conclusão de que, já que boas obras não adiantam, obras más adiantam, assim como não se pode deduzir que o sol não ajuda o cego a enxergar, logo a noite e a escuridão o ajudarão a enxergar.

O que me surpreende é que nesta questão evidente eles ofereçam tanta resistência. Dize-me se a morte e a ressurreição de Cristo é obra nossa, por nós realizada, ou não? Afinal, não é obra nossa nem qualquer obra da lei. Acontece que somente a morte e a ressurreição de Cristo é que nos libertam do pecado e nos tornam probos, como diz Paulo em Rm 4[.25]: "ele morreu em função do nosso pecado e ressurgiu em função da nossa justiça". Dize-me ainda, qual é a obra pela qual apreendemos e mantemos a morte e a ressurreição de Cristo? Não pode ser obra exterior, mas apenas a fé eterna no coração, exclusivamente esta, sim, realmente só esta, e sem qualquer obra, é que apreende essa morte e ressurreição, onde elas forem pregadas, mediante o Evangelho. Mas o que é que estão se debatendo furiosos, caçando e queimando hereges, quando a questão está fundamentalmente clara, provando que somente a fé apreende a morte e ressurreição de Cristo, sem qualquer obra, e que essa morte e ressurreição são nossa vida e justiça? Se, portanto, fica evidente nele [Paulo] mesmo que somente a fé nos traz, apreende e concede tal vida e justiça, por que não haveríamos de falar também desta maneira? Não é heresia a constatação de que somente a fé apreende a Cristo e concede a vida, mas dizer ou afirmar tal coisa tem que ser heresia?! Não são eles uns malucos, tolos e insensatos? Admitem que a coisa está certa, mas afirmam que está errado dizê-la; a mesma coisa seria, ao mesmo tempo, correta e incorreta!?

Também não sou o único nem o primeiro a dizer que somente a fé justifica. Antes de mim, Ambrósio, Agostinho e muitos outros o disseram. E quem ler e entender S. Paulo, necessariamente o afirmará, nem pode deixar de fazê-lo. Suas palavras são fortes demais e não toleram obra nenhuma, nenhuma mesmo. Se não é obra, tem que ser a fé sozinha. Que beleza de doutrina melhoradora e não-escandalosa seria, se as pessoas aprendessem que, ao lado da fé, também poderiam tornar-se probas por meio de obras; se alguém dissesse que não só a morte de Cristo tiraria nosso pecado, mas também nossas obras contribuiriam para tal, isso significaria enaltecer a morte de Cristo e que nossas obras lhe ajudariam e também poderiam fazer o que ele faz, para que nós fôssemos tão bons e fortes quanto ele. Isso é o diabo que não pode deixar de macular o sangue de

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Cristo!

[643] Então, como o próprio objeto exige, no fundo, que se diga "somente a fé torna justo", e, [considerando] o modo da nossa língua alemã, que também ensina a formular dessa maneira, além dos exemplos dos santos Pais, mais o fato de que as pessoas também correm o risco de ficarem presas às obras, faltando na fé e perdendo Cristo, principalmente agora que por tanto tempo praticavam as obras e delas precisam ser arrancadas à força - por isso [tudo] não só é correto, mas também, altamente necessário dizer com toda a clareza que somente a fé, sem obras, torna probo, e me arrependo de não ter acrescentado ainda "todas" e "qualquer", ou seja, "sem quaisquer obras de qualquer lei", para que fique dito com todas as letras; por isso, deverá continuar constando no meu Novo Testamento e, mesmo que todos os burros do papa fiquem malucos e furiosos, não me vão tirá-lo. Em relação a isso basta agora, continuarei falando disso, (se Deus conceder a graça), no livrinho sobre a justificação.

Quanto à outra pergunta, se os santos falecidos intercedem por nós, quero responder agora brevemente, pois pretendo publicar um sermão sobre os queridos anjos, onde, (se Deus quiser), continuarei tratando desse assunto mais detalhadamente. Em primeiro lugar, vós sabeis que no papado não se ensina apenas que os santos no céu rogam por nós, o que de qualquer forma não podemos saber, porque a Escritura não nos diz isso, mas também transformaram os santos em deuses, de modo que acabaram tornando-se nossos patronos, os quais devemos invocar, sendo que alguns nunca existiram, cabendo a cada santo força e poder especiais, um sobre o fogo, outro sobre a água, outro sobre a peste, febre e toda a sorte de praga, a ponto de o próprio Deus ficar ocioso, deixando os santos atuarem e trabalharem em seu lugar. Esta atrocidade, os Papistas, agora, estão percebendo muito bem, baixando a bola discretamente e salvando a sua imagem com a intercessão dos santos. Mas isso eu vou deixar para depois. Pode apostar que não vou esquecê-lo e deixar passar incólume esse salvamento das aparências!

Por outro lado, vós sabeis que com nenhuma Palavra Deus ordenou pedir intercessão nem aos anjos nem aos santos, sendo que também na Escritura não há exemplo disso; verifica-se que os queridos anjos falaram com os pais e os profetas, mas jamais algum deles foi solicitado pessoalmente [a fazer] intercessão, nem o patriarca Jacó pediu intercessão a seu anjo da luta, [644] mas apenas dele recebeu a bênção. Encontra-se, isto sim, o contrário em Apocalipse, onde o anjo não quis deixar-se adorar por João¹⁰², resultando, portanto, que a adoração aos santos é mera palhaçada humana, invenção própria estranha à Palavra de Deus e à Escritura.

Mas como no culto a Deus nada nos cabe fazer sem a ordem de Deus, e quem o fizer estará desafiando a Deus, não se deve recomendar nem tolerar que se peça interces-

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

são aos santos falecidos ou ensine a invocá-los, mas antes, deve-se condená-lo e ensinar a evitá-lo, razão por que eu também não quero recomendá-lo nem onerar a minha consciência com falta alheia. Eu mesmo fiquei tão farto disso que larguei de vez os santos, pois nisso estive profundamente atolado e afogado. Mas agora a luz do Evangelho está brilhando com tanta claridade que, doravante, ninguém terá desculpa de ficar nas trevas. Quase todos sabemos muito bem o que devemos fazer.

Além disso, trata-se de um culto que, por si próprio, é perigoso e escandaloso, pelo fato de as pessoas muito facilmente se acostumarem a deixar Cristo de lado e confiar mais nos santos do que no próprio Cristo, uma vez que a natureza de qualquer forma está muito inclinada a fugir de Deus e de Cristo para confiar em pessoas, tornando-se, inclusive, difícil aprender a confiar em Deus e em Cristo, como, afinal, prometemos e é nossa obrigação. Por isso, não se deve tolerar esse escândalo com o qual as pessoas fracas e carnis praticam uma idolatria, contrariando o primeiro mandamento e o Batismo. Que se desvie para Cristo a confiança depositada nos santos, tanto no ensino como na prática; já, assim, é difícil chegar a ele e captá-lo bem. Não é preciso pintar o diabo na porta, ele achará [o caminho] sozinho. Finalmente, temos certeza de que Deus não ficará irado por isso e estamos bem seguros, mesmo que não invoquemos os santos por intercessão, pois em lugar algum ele o ordenou; afinal, ele diz que é um [Deus] zeloso, que pune as faltas daqueles que não cumprem o seu mandamento. Ora, sobre esse ponto não há mandamento, por isso não há que temer ira alguma. Como há segurança aqui deste lado, e ali grande risco e escândalo de se contrariar a Palavra de Deus, por que sairíamos da segurança para entrar em perigo, onde não temos Palavra de Deus que nos possa sustentar, confortar ou salvar na dificuldade? Pois está escrito: "Quem gosta de correr risco, nele perecerá". Diz também o mandamento de Deus: não tentarás o Senhor teu Deus.

Ora, dizem eles, com essa argumentação, estás condenando toda a cristandade a qual sempre já praticou isso. Resposta: sei muito bem que os [645] padres e monges buscam tal alibi para as suas atrocidades, querendo empurrar para a cristandade o que eles negligenciaram, para que, ao dizermos que a cristandade não erra, também digamos que eles, igualmente, não erram, não se podendo, portanto, puni-los por mentira nem erro algum, já que a cristandade assim o pratica. Desse jeito, não estará incorreta romaria alguma, (por mais flagrante que seja a presença do diabo), nem indulgência alguma (por mais deslavadas que sejam as mentiras). Em suma, ali só há santidade. Por isso, deveis deve dizer o seguinte a esse respeito: não estamos tratando agora de quem seria condenado ou não. Eles ficam introduzindo essa questão alheia para nos desviar do nosso assunto; estamos tratando agora é da Palavra de Deus; o que a cristandade é ou faz, são outros quinhentos. A questão aqui é o que é ou não é a Palavra de Deus. Aquilo que a Palavra de Deus não é também não configura a cristandade.

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Lemos que na época do profeta Elias não havia, abertamente, nenhuma Palavra de Deus nem culto a Deus em todo o povo de Israel, como ele diz: "Senhor, mataram teus profetas e derrubaram teus altares. Estou totalmente sozinho"[1 Rs 19.10]. Aí o rei Acabe e outros também terão dito: "Elias, falando desse jeito, estás condenando todo o povo de Deus!" Mesmo assim, Deus tinha preservado sete mil. Ora, não achas que sob o papado, Deus não poderia ter preservado também agora os seus, mesmo que todos os padres e monges na cristandade tenham sido mestres do diabo e ido para o inferno? Muitíssimas crianças e jovens morreram em Cristo, uma vez que, debaixo do seu anticristo, Cristo preservou poderosamente o Batismo, mais o simples texto do Evangelho no púlpito, o Pai nosso e o Credo, com o que ele preservou muitos dos seus cristãos e, portanto, a sua cristandade, sem nada dizer a respeito aos mestres do diabo.

E mesmo que os cristãos tenham praticado várias das atrocidades papais, com isso, os burros do papa ainda não provaram que os queridos cristãos o fizeram de bom grado, muito menos, provaram que os cristãos agiram acertadamente. Cristãos podem errar e pecar todos eles, mas Deus a todos eles ensinou a pedir pelo perdão dos pecados no Pai nosso, e soube muito bem perdoar-lhes tal pecado que tiveram que cometer a contragosto, sem saber, e forçados pelo anticristo; mesmo assim, os padres e monges nada disso mencionam. Entretanto, pode-se provar muito bem que em todo o mundo sempre houve resmungo e queixa em segredo contra o clero, no sentido de que não estariam tratando corretamente a cristandade, sendo que os burros do papa até hoje resistiram veementemente contra este resmungo, a ferro e fogo. Esse resmungo prova muito bem o quanto os cristãos apreciavam essas atrocidades e quão corretas elas eram. Então, queridos burros do papa, venham cá e digam que é ensinamento da cristandade [646] isso que vocês, mentirosamente, inventaram, impondo-o, à força, à cristandade amada, feitos malfeitores e traidores e, como arquiassassinos, matando, por isso, muitos cristãos, uma vez que todas as letras em todas as leis do papa atestam que nada jamais foi ensinado por vontade e deliberação da cristandade, mas consta exclusivamente *districte praecipiendo mandamus* [ordenamos como preceito rigoroso], isto sim, é que foi seu espírito santo. Essa é a tirania que a cristandade teve que suportar, para lhe roubarem o Sacramento, ficando, assim, aprisionada, sem sua culpa. E agora, os burros do papa queriam nos vender essa tirania insuportável do seu sacrilégio como ato e exemplo voluntários da cristandade, tirando o corpo fora.

Mas estamos nos alongando demais. Isso baste sobre a pergunta. Mais [a esse respeito], em outra oportunidade, e não me leve a mal a grande extensão da carta. Cristo nosso Senhor esteja com todos nós. Amém. Do ermo, 8 de setembro de 1530.

Martinus Luther Seu bom amigo.

Apêndice B: Carta aberta do Dr. M. Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos 1530 (tradução de Walter O. Schlupp)

Ao honorável e ilustre N., meu benévolo senhor e amigo.

Martin Luther, 1530

